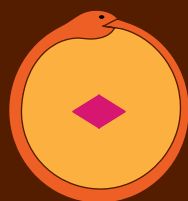




VIVA VIVA ESCOLA VIVA



cadernos
SELVAGEM

VIVA VIVA ESCOLA VIVA

Entre 2 de dezembro de 2023 e 28 de janeiro de 2024, o Selvagem – ciclo de estudos sobre a vida celebrou as ESCOLAS VIVAS com uma grande exposição de artes e medicinas na Casa França-Brasil, no centro do Rio de Janeiro. VIVA VIVA ESCOLA VIVA recebeu, em menos de 2 meses, 19.530 visitantes.

A exposição acolheu, também, o primeiro grande encontro, mediado por CRISTINE TAKUÁ, dos representantes (artistas, professores, pajés e mestres) que conduzem os 4 centros de transmissão de saberes tradicionais que compõem o projeto [ESCOLAS VIVAS](#), dos povos MAXAKALI, HUMI KUÏ, TUKANO-DESSANO-TUYUKA e GUARANI – incluindo a participação da nova ESCOLA VIVA BANIWA, a ser estabelecida em 2024.

Com curadoria da CRIS TAKUÁ, foram expostas mais de 100 obras, entre pinturas e desenhos MAXAKALI, aquarelas BANIWA, um painel de miçangas e um pano professor HUMI KUÏ, cestarias, animais em madeira e uma cartografia da NHE'ÉRY – um grande mapa da Mata Atlântica pintado por jovens artistas GUARANI –, uma pintura de AILTON KRENÁK e uma farmácia viva amazônica organizada pelo Centro de Medicina BAHSERIKOMI, com preparados medicinais dos povos amazônicos.

Aqui, além de textos e obras da exposição, estão incluídos *links* para outros materiais produzidos no âmbito da colaboração entre o Selvagem e as ESCOLAS VIVAS.

Boa leitura!



18 ALFANDEGA 52





SELVAGEM E AS ESCOLAS VIVAS

As ESCOLAS VIVAS são projetos indígenas de fortalecimento e transmissão de saberes tradicionais.

Atualmente, 4 centros realizam essas ativações em seus próprios territórios, enquanto se reúnem no movimento comum de se reconhecerem como escolas vivas.

Celebramos também a chegada de um novo centro, o Baniwa.

O movimento ESCOLAS VIVAS é coordenado por Cristine Taxuá, educadora, mãe, parteira, pensadora Maxakali que habita, junto a seu companheiro, Carlos Papá Porã Mirim, e seus filhos, Kauê e Djeguaká, a Terra Indígena Rio Silveira, do Povo Guarani-Mbya.

Ela mantém vivo o diálogo com cada centro e compartilha, em relatórios trimestrais, suas vivências.

Nosso apoio às ESCOLAS VIVAS
é expressão de nossa gratidão.

A origem do SELVAGEM se deve à experiência de trabalho e articulações com a imensa sabedoria dos povos indígenas. Desde 2022, nos envolvemos com a manutenção financeira desses 4 centros, captando os recursos que garantem aportes mensais regulares para cada projeto. A ação conta com o apoio da Saúva, uma associação sem fins lucrativos, que recebe e encaminha às ESCOLAS VIVAS todas as doações realizadas por pessoas físicas e instituições.

No SELVAGEM, cultivamos estudos e atividades através de uma rede colaborativa que conecta vozes, entrelaça conhecimentos e expande os movimentos do ciclo de estudos. Atualmente, essa teia, que chamamos de Comunidade, ramifica-se em 6 grupos de trabalho.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA conta com a realização do SELVAGEM, junto aos grupos de sua comunidade.

O Grupo Crianças ocupa um lugar especial na exposição. Um espaço, coordenado por Verônica Pinheiro, que chamamos de Maloca das Crianças.

O Grupo Produção se faz presente com a equipe de mediadores, que estará aqui durante toda a temporada, traçando percursos e diálogos com o público.

A existência de VIVA VIVA ESCOLA VIVA se deve à maravilhosa confiança de uma gama de apoiadores.

A eles, o nosso agradecimento!

Acreditamos que a abundância é mais bela
quando compartilhada.

Acreditamos na colaboração.

FAÇA SUA DOAÇÃO AQUI



ESCOLAS VIVAS
recebem
e se fortalecem



SELVAGEM
agradece



SELVAGEM E AS ESCOLAS VIVAS

As ESCOLAS VIVAS são projetos indígenas de fortalecimento e transmissão de saberes tradicionais.

Atualmente, 4 centros realizam essas ativações em seus próprios territórios, enquanto se reúnem no movimento comum de se reconhecer como escola viva.

Celebramos também a chegada de um novo centro, o BANIWA.

O movimento ESCOLAS VIVAS é coordenado por CRISTINE TAKUÁ, educadora, mãe, parteira, pensadora MAXAKALI que habita, com seu companheiro, CARLOS PAPÁ, e seus filhos, KAUE e DJEGUAKA, a Terra Indígena Rio Silveira do Povo GUARANI-MBYA.

Ela mantém vivo o diálogo com cada centro e compartilha, em relatórios trimestrais, suas vivências.

**Nosso apoio às ESCOLAS VIVAS
é expressão de nossa gratidão.**

A origem do Selvagem se deve à experiência de trabalho e articulações com a imensa sabedoria dos povos indígenas. Desde 2022, portanto, nos envolvemos com a manutenção financeira desses 4 centros, captando os recursos que garantem aportes mensais regulares

para cada projeto. A ação conta com o apoio da Saúva, uma associação sem fins lucrativos, que recebe e encaminha para os apoiados as doações realizadas por pessoas físicas e instituições.

No Selvagem, cultivamos estudos e atividades através de uma rede colaborativa que conecta vozes, entrelaça conhecimentos e expande os movimentos do ciclo de estudos. Atualmente, essa teia, que chamamos de Comunidade, ramifica-se em 6 grupos de trabalho.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA conta com a realização do Selvagem, junto aos grupos de sua comunidade.

O Grupo Crianças ocupou um lugar especial na exposição. Um espaço, coordenado por Veronica Pinheiro, que chamamos de Maloca das Crianças.

O Grupo Produção se fez presente com a equipe de mediadores, que esteve na exposição durante toda a temporada, traçando percursos e diálogos com o público.

A existência de VIVA VIVA ESCOLA VIVA se deve à maravilhosa confiança de uma gama de apoiadores.

A eles, o nosso agradecimento!

**Acreditamos que a abundância é mais bela
quando compartilhada.
Acreditamos na colaboração.**



AS ESCOLAS VIVAS E OS TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO

TEMPO DO DESPERTAR
TEMPO DO RESPIRO
TEMPO DA ABUNDÂNCIA
TEMPO DAS MEMÓRIAS VIVAS E ATIVAS

O sonho de acordar as memórias e fortalecer os territórios passa por camadas muito sensíveis e desafiadoras de uma caminhada que trilhamos junto ao SELVAGEM, grande semeador de pensamentos. Esses passos conjuntos propõem uma alternativa à monocultura mental que ainda paira em muitas cabeças.

Através do diálogo com o tempo, entendemos os códigos que nos rodeiam. Alcançamos direções e percepções de tecnologias ancestrais que nos foram capturadas pelo enquadramento das formas de transmissão de saberes que habitam as escolas não vivas. O tempo nos reconecta com o ancestral, pois ele pode fazer desabrochar os conhecimentos que foram adormecidos e que outros tentaram apagar.

Ouvir, sentir, dialogar e respeitar
o tempo que transforma e cura.

O primeiro momento das ESCOLAS VIVAS foi o TEMPO DO DESPERTAR, em que a maioria dos projetos se viu na situação de organizar, estruturar e buscar maneiras de enfrentar as muitas dificuldades consequentes de toda a colonização e da recente crise provocada por ações genocidas do governo passado.

O segundo momento, que estamos vivendo agora, é o TEMPO DO RESPIRO. Após um ano de apoio, foi possível entender que os caminhos vão se abrindo quando focamos e nos concentramos em ações coletivas, trazendo entendimento sobre os passos que estão sendo dados. O respiro vem da sensação de acolhimento e da percepção de que é possível transformar nossas ações com base em cada realidade vivida.

Não estamos sozinhos.

Somos um coletivo que busca transformar a relação do ensinar-aprender, a relação do que é realmente necessário na troca constante de saberes que são ancestrais, mas que, por uma arrogância colonial e epistemológica, foram desfigurados em uma escola clássica e quadrada. O respiro vem da possibilidade de ouvir e sonhar histórias e transformá-las em arte junto a crianças, jovens e anciãos. A arte das ESCOLAS VIVAS não é arte-mercadoria, mas arte-pensamento, arte-sonho e arte-ação para o fortalecimento das vidas de cada cultura que está fazendo parte desse trabalho colaborativo.

A exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA comunica ao mundo a existência da resistência na forma de transmissão de saberes. Através do encontro com cada um dos coordenadores das ESCOLAS VIVAS, será possível que cada espaço-território compartilhe suas experiências e desafios, e assim, juntos, se fortaleçam. A cura da terra, a força dos cantos, as memórias de seres que já não vivem mais, como as árvores grandes das regiões de Minas Gerais, a oralidade das muitas narrativas sobre os seres espíritos, guardiões de tudo que habita na Terra, o respeito às medicinas tradicionais, a preservação do caminho do bem viver para viver em equilíbrio. Esses são os muitos sonhos que cada integrante das ESCOLAS VIVAS anseia.

Essa exposição traz o eco da força ancestral que habita as muitas formas de transmitir conhecimento.

A medida que cada representante e suas comunidades se reconheçam como ESCOLAS VIVAS ativas, chegaremos ao TEMPO DA ABUNDÂNCIA. Nele, cada coletivo transformará seu território e fará com que os sonhos sejam a realidade.

E, seguindo o futuro das ESCOLAS VIVAS, sonhamos viver o TEMPO DAS MEMÓRIAS VIVAS E ATIVAS, em um fluxo constante de trocas e sensíveis interações com todas as formas de vida.

Cristine Taxuá

AS ESCOLAS VIVAS E OS TEMPOS DE TRANSFORMAÇÃO

por *Cristine Takuaí*

Tempo do despertar

Tempo do respiro

Tempo da abundância

Tempo das memórias vivas e ativas

O sonho de acordar as memórias e fortalecer os territórios passa por camadas muito sensíveis e desafiadoras de uma caminhada que trilhamos junto ao Selvagem, grande semeador de pensamentos. Esses passos conjuntos propõem uma alternativa à monocultura mental que ainda paira em muitas cabeças.

Através do diálogo com o tempo, entendemos os códigos que nos rodeiam. Alcançamos direções e percepções de tecnologias ancestrais que nos foram capturadas pelo enquadramento das formas de transmissão de saberes que habitam as escolas não vivas. O tempo nos reconecta com o ancestral, pois ele pode fazer desabrochar os conhecimentos que foram adormecidos e que outros tentaram apagar.

**Ouvir, sentir, dialogar e respeitar
o tempo que transforma e cura.**

O primeiro momento das ESCOLAS VIVAS foi o **Tempo do despertar**, em que a maioria dos projetos se viu na situação de organizar, estruturar e buscar maneiras de enfrentar as muitas dificuldades consequentes de toda a colonização e da recente crise provocada por ações genocidas do governo passado.

O segundo momento, que estamos vivendo agora, é o **Tempo do respiro**. Após um ano de apoio, foi possível entender que os caminhos vão se abrindo quando focamos e nos concentramos em ações coletivas, trazendo entendimento sobre os passos que estão sendo dados. O respiro vem da sensação de acolhimento e da percepção de que é possível transformar nossas ações com base em cada realidade vivida.

Não estamos sozinhos.

Somos um coletivo que busca transformar a relação do ensinar-aprender, a relação do que é realmente necessário na troca constante de saberes, que são ancestrais, mas que, por uma arrogância colonial e epistemológica, foram desfigurados em uma escola clássica e quadrada. O respiro vem da possibilidade de ouvir e sonhar histórias e transformá-las em arte junto a crianças, jovens e anciãos. A arte das ESCOLAS VIVAS não é arte-mercadoria, mas arte-pensamento, arte-sonho e arte-ação para o fortalecimento das vidas de cada cultura que está fazendo parte desse trabalho colaborativo.

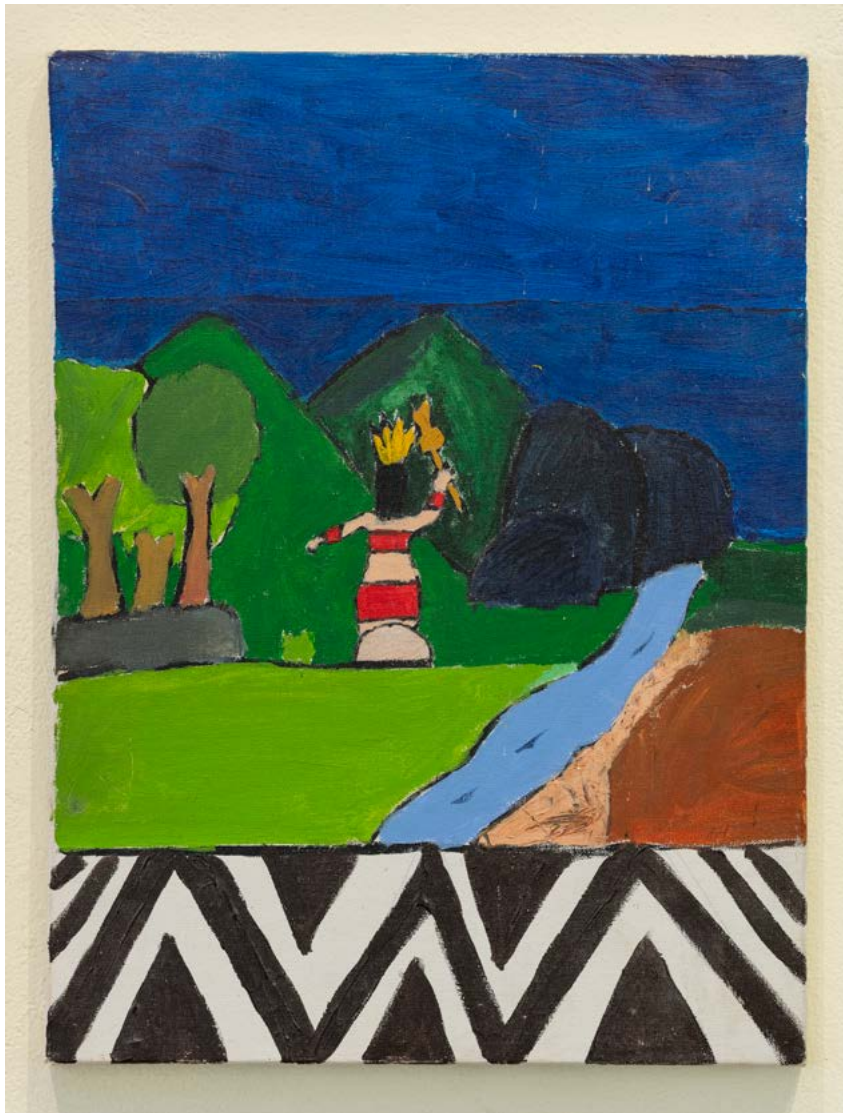
A exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA comunica ao mundo a existência da resistência na forma de transmissão de saberes. Através do encontro com cada um dos coordenadores dos quatro projetos, será possível que cada espaço-território compartilhe suas experiências e desafios e assim, juntos, se fortaleçam. A cura da terra, a força dos cantos, as memórias de seres que já não vivem mais, como as árvores grandes das regiões de Minas Gerais, a oralidade das muitas narrativas sobre os seres espíritos, guardiões de tudo que habita na Terra, o respeito às medicinas tradicionais, a preservação do caminho do bem viver para viver em equilíbrio. Esses são os muitos sonhos que cada integrante das ESCOLAS VIVAS anseia.

Essa exposição traz o eco da força ancestral que habita nas muitas formas de transmitir conhecimento.

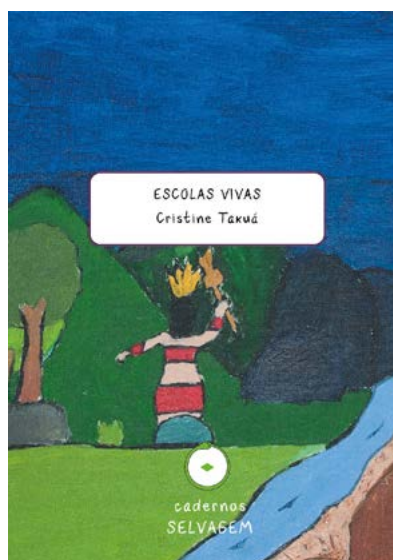
À medida que cada representante e suas comunidades se reconheçam como ESCOLAS VIVAS ativas, chegaremos ao **Tempo da abundância**. Nele, cada coletivo ativo transformará seu território e fará com que os sonhos sejam a realidade.

E, seguindo o futuro das ESCOLAS VIVAS, sonhamos viver o **Tempo das memórias vivas e ativas**, em um fluxo constante de trocas e sensíveis interações com todas as formas de vida.





MAÍRA DJERA
"MBAEATE", 2021
Acrílico sobre tela
50 x 40 cm



A arte da Maíra está na também capa do Caderno Selvagem Escolas Vivas, de Cristine Takuá, publicado em 2022.



QUEM SOMOS

ESCOLA VIVA SHUBU HIWEA HUNI KUI

Coordenadores | Dua Busẽ e Teresa Netẽ

Artistas | José Mateus Itsairu, Jaosni Sales Ixã, Iran Pí-
nheiro Sales Bane, Mulheres do povo Huni Kuĩ (painel de
miçangas), Zenira Nesheni e Renato Maná

ESCOLA VIVA ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA MAXAKALI

Coordenadores | Sueli e Isael Maxakali

Artistas | Anilzinha Maxakali, Eliana Maxakali, Joana Ma-
xakali, Juliana Maxakali, Jupira Maxakali, Marcinho Ma-
xakali, Marciana Maxakali, Marcos Maxakali, Marieneide
Maxakali, Vilmara Maxakali, Voninho Maxakali, Taxna Ma-
xakali, Zezão Maxakali e Zilda Maxakali

PONTO DE CULTURA MBYA ARANDU PORÁ GUARANI

Coordenadores | Carlos Papá e Cristine Takuá

Artistas | Fabiano Kuaray Papa, Alexandre Wera, Bruno
Djeguaka, Maira Djera, Marcinho Xunu, Kauê Karai Tataendy,
Wera Juninho Leonardo Karai Rokadju e Milena Jaxuka

CENTRO DE MEDICINA INDÍGENA BAHSEKOWI TUKANO E DESANA


Coordenadores | João Paulo Lima Barreto e Anacleto Barreto

Organizadores | Carla Wisu, Ivan Tukano, Durvalino Kisibi,
Pedro Tukano, Janicleia Pedrosa e Janine Fontes

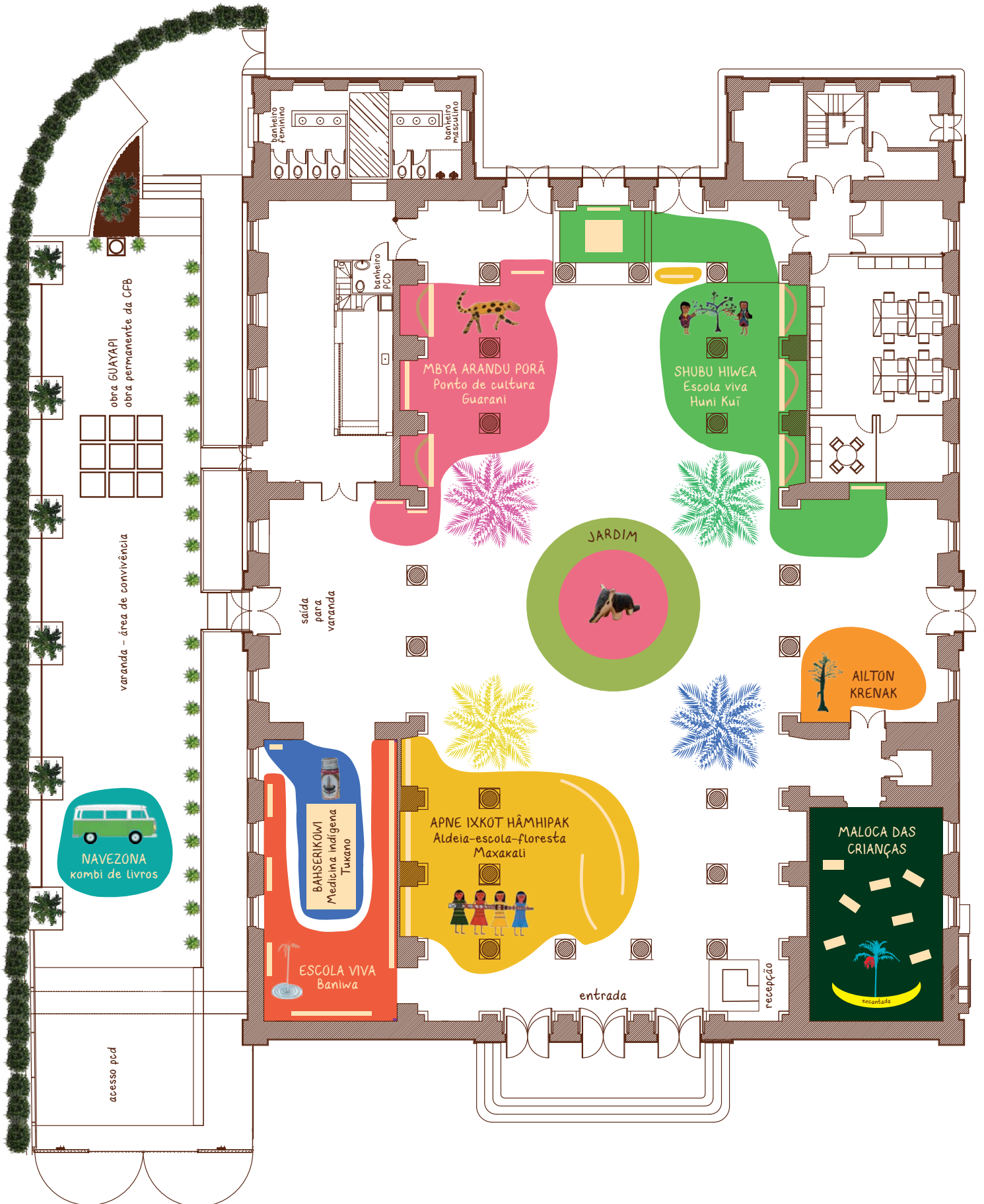
ESCOLA VIVA BANIWA

Coordenadores | Francisco Fontes Baniwa e Francy Baniwa

Artista | Frank Baniwa



MAPA DA EXPOSIÇÃO





SHUBU HIWEA, A ESCOLA VIVA HUNI KUI

Dentro da história tem cantoria, tem medicina. Enquanto eu estou vivo, eu sou escola viva. Sou vivo, falo, indico, explico, ensino. Por isso eu chamei meu kupixawa de escola viva, porque eu estou lá, dentro do meu kupixawa, contando história e escrevendo no quadro. Eu estou dando aula. Por isso eu pensei escola viva. Escola viva não é só uma, não. Todo mundo hoje em dia é escola viva, porque estamos resgatando nossa cultura, que estava escondida. Foi isso que pensei, para deixar tudo, para sempre, para eles.

Pajé Dua Busê

Os Huni Kuĩ vivem na região tropical amazônica, distribuindo-se pelo leste peruano até a fronteira com o Brasil, e pelo Acre e sul do Amazonas. Constitui a mais numerosa população indígena do Acre.

A ESCOLA VIVA Huni Kuĩ é um sonho do pajé Dua Busê. Ele vive com sua família na aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. Dua Busê possui profundos saberes da cultura Huni Kuĩ – de histórias, medicina, música e espiritualidade – e, ao longo dos anos, tem transmitido seus conhecimentos para outros pajés e aprendizes.

Em sua aldeia, ele criou um grande Jardim, que batizou de Parque União da Medicina, onde são feitos cultivos, estudos e práticas dos saberes da medicina tradicional de seu povo. Como grande conhecedor, ele se preocupa com o futuro das novas gerações e vem buscando meios de manter a memória viva.

Quando está em roda com seu povo ou quando caminha acompanhado pelo seu parque de plantas medicinais, Dua Busê costuma dizer: "É tudo isso, estou aqui, a ESCOLA VIVA está aberta".

Anna Dantes



SHUBU HIWEA - ESCOLA VIVA HUMI KUÏ

Coordenadores: Dua Busê e Teresa Netê

Dentro da história tem cantoria, tem medicina. Enquanto eu estou vivo, eu sou escola viva. Sou vivo, falo, indico, explico, ensino. Por isso eu chamei meu KUPIXAWA de ESCOLA VIVA, porque eu estou lá, dentro do meu KUPIXAWA, contando história e escrevendo no quadro. Eu estou dando aula. Por isso eu pensei escola viva. Escola viva não é só um, não. Todo mundo hoje em dia é escola viva, porque estamos resgatando nossa cultura, que estava escondida. Foi isso que pensei, para deixar tudo, para sempre, para eles.

DUA BUSÊ

Os HUMI KUÏ vivem na região tropical amazônica, distribuindo-se pelo leste peruano até a fronteira com o Brasil, pelo Acre e sul do Amazonas. Eles são a mais numerosa população indígena do Acre.

A ESCOLA VIVA HUMI KUÏ é um sonho do pajé DUA BUSÊ. Ele vive com sua família na aldeia Coração da Floresta, no Alto Rio Jordão. DUA BUSÊ possui profundos saberes da cultura HUMI KUÏ – de histórias, medicina, música e espiritualidade – e, ao longo dos anos, tem transmitido seus conhecimentos para outros pajés e aprendizes.

Em sua aldeia, ele criou um grande jardim, que batizou de Parque União da Medicina, onde são feitos cultivos, estudos e práticas dos saberes da medicina tradicional de seu povo. Como grande conhecedor, ele se preocupa com o futuro das novas gerações e vem buscando meios de manter a memória viva.

Quando está em roda com seu povo ou quando caminha acompanhado pelo seu parque de plantas medicinais, DUA BUSÊ costuma dizer: “é tudo isso, estou aqui, a Escola Viva está aberta”.

Clara Almeida



A CASA DE ESSÊNCIAS HUNI KUÏ

O trabalho das Casas de Essências é um ramo da ESCOLA NYA HUNI KUÏ.

É o lugar da experiência com as medicinas tradicionais. Em laboratórios instalados em 5 aldeias ao longo do rio Jordão, no Acre, pesquisadores das plantas nativas têm utilizado novas técnicas de extração de essências e ativos botânicos para o preparo de aromas naturais e remédios de uso comunitário nas aldeias.

Os estudos realizados nas Casas de Essências têm reunido antigos pajés e jovens aprendizes para a troca de saberes e a perpetuação dos conhecimentos tradicionais.

Fruto do sonho do pajé AGOSTINHO ÌKA MURU, as Casas de Essências nasceram da disposição de ISAKA MATEUS, da aldeia São Joaquim, e TIAGO IBÃ, da aldeia Novo Natal, para aprender sobre a manipulação das plantas e produzir óleos, hidrolatos e essências. Desde 2016, ISAKA e TIAGO contam, neste aprendizado, com a colaboração de Mestre Índio, da Escola de Espagiria, e de Juliana Nabuco.

O sonho do pajé ÌKA MURU está registrado na abertura do livro UNA ISI KAJAWA, publicado pela Dantes Editora e pelo Jardim Botânico do Rio de Janeiro:

“É agora que vão começar a reconhecer o nosso documento, a nossa identidade, a biodiversidade da natureza que nós temos. Esse ouro na mão que nunca destruímos. Agora é que estamos começando a dar valor e no futuro vamos fazer o nosso laboratório indígena. Os que estão interessados têm que estudar também e inventar de usar de outra maneira, como antigamente vinham usando, até hoje a gente vem utilizando esse sistema, culturalmente, desde as origens, nossos povos, nossos antepassados”.

Em 2019, um pequeno laboratório permaneceu em atividade durante todo o evento do Selvagem no teatro Jardim Botânico do Rio de Janeiro, enquanto ISAKA e TIAGO IBÃ apresentavam suas pesquisas com as ervas perfumosas.



Ni Ininipa Casas de Essências Huni Kuï, filme narrado pelo pajé Dua Busê, apresenta a chegada dos laboratórios nas aldeias com imagens de colheita, destilação, óleos e plantas.

CADERNOS E CARTILHAS HUMU KUÏ

A história dos HUMU KUÏ costuma ser dividida em cinco tempos:

Tempo das Malocas, em que viviam nus, antes do contato com os brancos.

Tempo da Correria, quando foram sobrepujados pelas armas de fogo, tiveram o território tomado e foram reduzidos a pouco mais de 300 pessoas.

Tempo do Cativoiro, em que se tornaram reféns dos seringalistas, que implementaram o sistema escravista dos barracões, sob o qual nasceram todos os HUMU KUÏ hoje mais velhos.

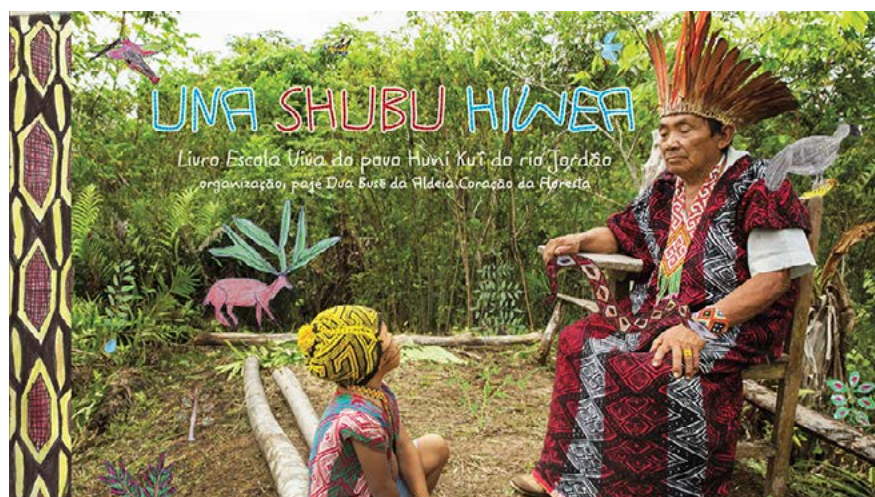
Tempo dos Direitos, que, a partir da década de 1970, contou com as formulações dos antropólogos Terri de Aquino e Marcelo Piedrafita na constituição das cooperativas e na delimitação dos territórios.

Novo Tempo, ou XINĀ BENA, que alia a transmissão das tradições entre velhos e jovens a intercâmbios com o mundo do século XXI.

Quando papel, lápis e caneta entraram na cultura HUMU KUÏ, no **Tempo dos Direitos**, foram apropriados como instrumentos de pesquisa para práticas de transmissão de saber. Enquanto pajés contam histórias dos antigos, aprendizes desenhavam e pintam e, dessa forma, reavivam memórias e ancestralidade.

RENATO MANÁ e ZENIRA NESHENI, da Aldeia Novo Segredo, no Alto Rio Jordão, prepararam 8 desenhos, que apresentam YUXIBU, criador do Sol, das estrelas, da Terra e da floresta; e as famílias INU BAKE, INAMI BAKE, DUÁ BAKE e BANU BAKE, que é como se dividem as pessoas, animais, plantas e elementos no mundo HUMU KUÏ.

Para aprofundar no tema sugerimos visitar o site da exposição [Una Shubu Hiwea](#) e as publicações da [Comissão Pró-Índigenas do Acre](#).





RENATO MANÁ E ZENIRA NESHENI,
Arco-íris Bari Sitã - Yuxibu,
Sol Bari - Yuxibu,
Estrela Bimi - Yuxibu,
Floresta Ni - Yuxibu,
Inu Bake, Inani Bake,
Dua Bake, Banu Bake, 2023
Caneta hidrocor e lápis de cor
sobre papel / 24 x 29 cm.





JOSÉ MATEUS ITSAIRU

Huã Karu Yuxibu, 2017

Tinta acrílica sobre tela

140,0 x 260,0 cm

Coleção MAR / Museu de Arte do Rio

SMCRJ / Fundo Z

HUÃ KARU YUXIBU

HISTÓRIA DO DONO DOS PODERES DA NATUREZA

Narrada por Dna Busê

Traduzida e revista por Tadeu Mateus HUNI KUI, em 2017

As famílias moravam em malocas. A mulher solteira sempre ia buscar pedaços de madeira para fazer lenha para o fogo. Uma vez, ela se apaixonou por um pedaço de madeira, HUÃ KARU.

Ela falou: – Se fosse um homem bonito como esse pedaço de madeira, eu casava.

Quando escureceu, noite da lua, a mulher foi fazer xixi e encontrou esse rapaz no terreiro. Ela perguntou: – Quem é você?

Ele respondeu: – Foi comigo que você falou.

Ela disse: – Eu não falei contigo, eu falei com HUÃ KARU.

Ele disse: – Sou eu mesmo que me transformei.

Ela se apaixonou e começou a namorar com ele até que engravidou. Um dia, as pessoas da aldeia queimaram toda a lenha. Depois o homem não vinha mais,

desapareceu. A mãe reclamou que ela estava grávida sem marido. A criança da barriga começou a falar: – Mãe, vamos nos retirar daqui. Vamos para a terra da minha família, a terra de HUĀ KARU YUXIBU.

A mulher fugiu com o menino na barriga. No caminho, o menino começou a explicar: – Mamãe, lá na frente tem dois caminhos. O caminho mais cerrado é o caminho da minha família. O caminho mais limpo, que na beira tem cabelo de arara, é o caminho dos İKA. Você pega o caminho cerrado.

O menino pedia para a mãe pegar semente e flor para ele, e a mãe pegava.

Na frente tinha semente de sororoca, ele pediu para a mãe pegar. Quando ela ia tirar, na folha da sororoca tinha marimbondo, que deu picada nela.

Ela se zangou e bateu na barriga. A criança, com raiva, parou de falar.

A mãe seguiu a viagem e entrou pelo caminho errado. Chegou na terra dos İKA e encontrou a tia do HUĀ KARU, YUSHA KURU, fiando algodão.

YUSHA KURU falou: – Por que você veio aqui? O İKA me trouxe e é muito perigoso. Ele come gente.

A mãe de HUĀ KARU ficou lá, e YUSHA KURU preparou carvão para protegê-la quando o İKA chegasse e pedisse para catar piolho.

Ela disse: – Se você não gostar do piolho dele, ele te come. O piolho dele é besouro.

Quando terminou de preparar, os İKA chegaram, e um velho pediu para catar piolho. A mãe do HUĀ KARU catou piolho, mascando o carvão e jogando o piolho do İKA fora. Finalmente, chegou um último İKA, que pediu para catar piolho, mas o carvão tinha acabado. Quando ela botou o besouro na boca, ela vomitou, e o İKA ficou bravo e a atacou. Ela morreu, e os İKA abriram sua barriga para comê-la. HUĀ KARU pulou no colo da tia.

A tia falou: – Vocês já estão comendo a mãe. Não precisam comer a criança. Eu não tenho filho, vou criar o menino.

HUĀ KARU YUXIBU cresceu da noite para o dia. Cresceu rápido. Ele pediu para os İKA fazerem flecha para ele pescar. Ele chamava a tia de mãe. Um dia, ele ficou sabendo que a mãe tinha sido comida pelos İKA e resolveu se vingar.

Os İKA sempre iam caçar. No caminho de volta da caçada, HUĀ KARU construiu uma armadilha com uma palmeira que arremessava o İKA para longe quando ele atravessava. HUĀ KARU voltava com a caça para casa. E o İKA sumia. Cada vez tinha menos İKA.

Começaram a desconfiar de HUĀ KARU e combinaram de matá-lo.

O cacique dos ÍKA avisou a todos os ÍKA que se preparassem para matar HUĀ KARU. A tia pediu para HUĀ KARU fugir.

Ele falou: – Não tenho medo.

Pegou uma flauta e uma borduna pequena e ficou sentado no meio da maloca, tocando sua flauta. Os ÍKA entraram armados na maloca por todos os lados. HUĀ KARU levantou gritando, bateu com a borduna no meio da maloca e deu igual a um relâmpago. Ele saltou para o alto da maloca. Só ele e a tia escaparam. Os ÍKA acabaram.

HUĀ KARU perguntou à tia onde os ÍKA jogavam os ossos. A tia mostrou uma sapopema. HUĀ KARU entrou na mata e buscou uma medicina, esfregou na mão e espremeu a medicina em cada osso que encontrou.

A primeira gota foi no osso de uma anta, e ela saiu viva correndo. Fez isso com todos os animais: veado, porco, cutia, jacaré. No final, encontrou os ossos da mãe, só os pedacinhos. Colocou a medicina, e a mãe se transformou em pessoa novamente. HUĀ KARU, sua mãe e sua tia, YUSHA KURU, finalmente pegaram o caminho para a aldeia da família de HUĀ KARU. Viajaram o dia todo, até que anoiteceu. HUĀ KARU fez acampamento tradicional. HUĀ KARU ensinou as medicinas para sua tia durante a noite toda. Deu madrugada, a tia estava com muito sono, e HUĀ KARU ia ensinar a última medicina. A tia pediu para ele ensinar no dia seguinte. Era a medicina que fazia viver de novo. Eles dormiram. No dia seguinte, HUĀ KARU não ensinou mais. Por isso que nosso povo não conhece esse remédio.





JASONI SALES IXÃ

Basne Puru Yuxibu, 2017

Acrílica sobre tela

142,0 x 258,0 cm

Coleção MAR / Museu de Arte do Rio

SMCRJ / Fundo Z

BASNE PURU YUXIBU

HISTÓRIA DA ARANHA ENCANTADA

Narrada por Tadeu Mateus Huni Kuã, em 2017

1. Uma mulher HUMI KUÏ morava em uma maloca. Ela não tinha roupas, não sabia tecer, não sabia fazer nada. Uma vez, a mulher viu a aranha tecendo a casa dela rápido e falou: – Puxa, essa mulher aranha está construindo a casa dela muito rápido. Se nós, HUMI KUÏ, aprendermos, poderemos construir casa também, roupas...

2. No dia seguinte, apareceu a velhinha BASNE PURU levando a linha preparada no sovaco dela. A mulher perguntou: – Quem é você?

BASNE PURU respondeu: – Eu sou a aranha encantada. Ontem eu escutei você pedindo para aprender a tecer, e estou trazendo material para te ensinar.

3. A aranha ensinou a mulher como fazer rede, MMABÃ.

4. A aranha pegou a linha e levou para trazer no dia seguinte.

5. No dia seguinte, BASNE PURU entregou a rede feita, sem nada desenhado, só a rede mesmo.

6. A mulher quis ter semente desse algodão para plantar. Ela pediu para BASNE PURU. BASNE PURU levou muitas sementes. Sementes boas e sementes que davam problemas.

7. A mulher plantou o algodão no roçado com o marido.

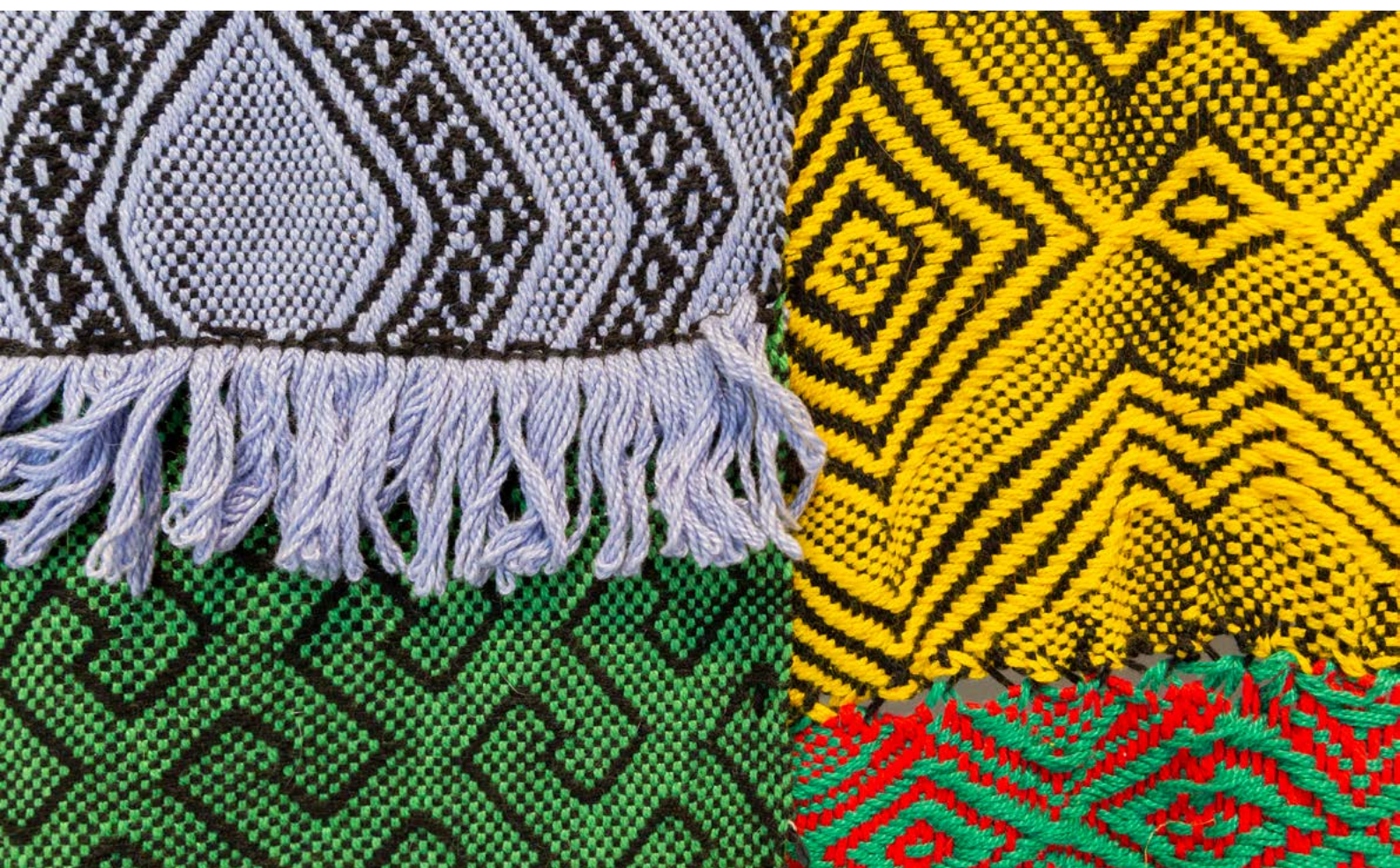
8. O algodão nasceu com linha no galho de cores diferentes: preto, vermelho, branco... todas as cores. Ela dava semente para a família plantar no roçado. Cada cor tinha sua semente.

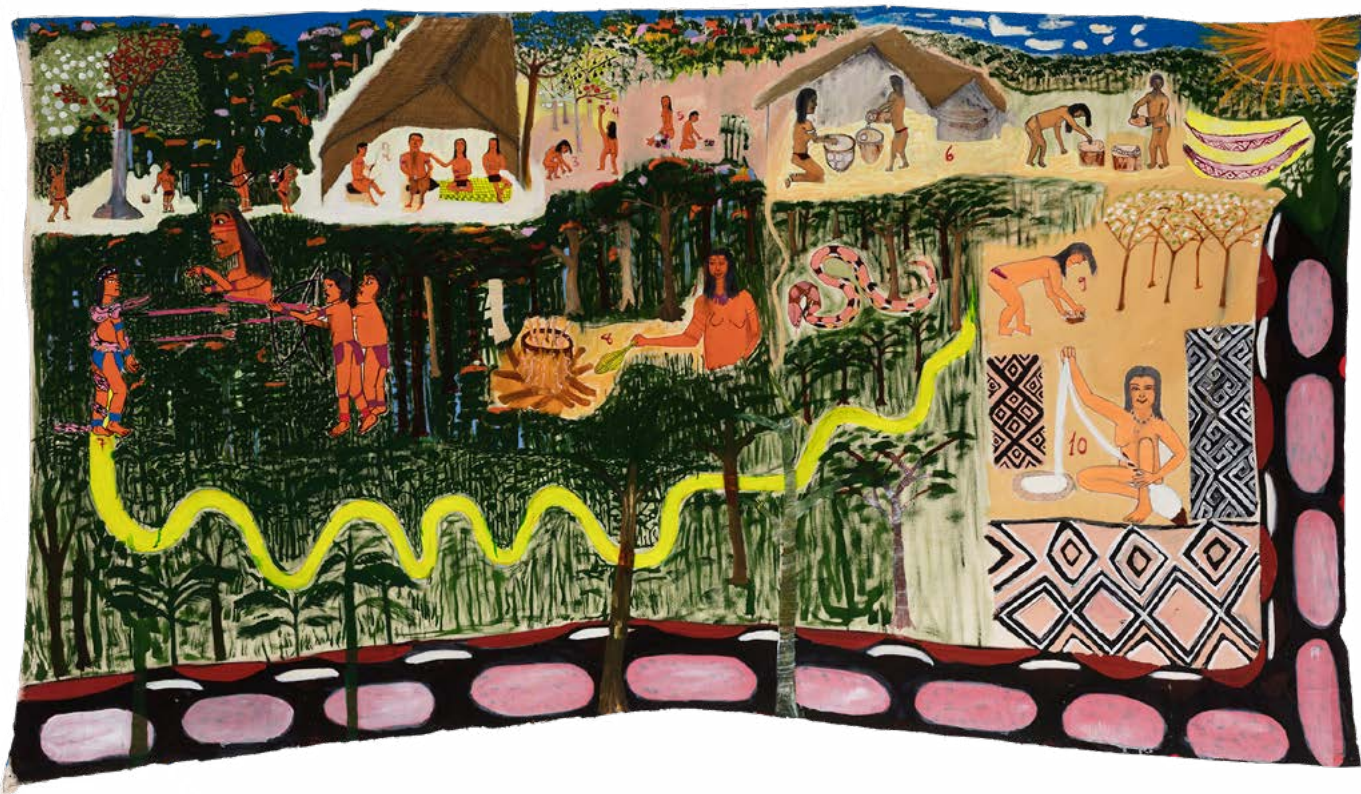
9. Quando tinha linha para fazer colete, ela entregava para BASNE PURU fazer para ela.

10. BASNE PURU fazia cinco redes a cada noite e entregava no dia seguinte para ela.

11. Um dia, a mulher falou: – BASNE PURU faz rede, coletes, roupas... É bom aprendermos a fazer as nossas próprias coisas.

12. No dia seguinte, BASNE PURU chegou com semente de algodão. E as sementes coloridas, BASNE PURU levou com ela para sempre. Hoje em dia, só nasce bola de algodão, não nasce mais linha colorida. Começaram a trabalhar, plantar, colher, bater o algodão, fiar até fazer as próprias roupas. Foi aí que surgiu o ensinamento da tecelagem para o povo HUMI KUI. Quem trouxe esse ensinamento foi a aranha encantada.





IRAN PINHEIRO SALES BANE

Siriani, 2017

Acrílica sobre tela

144,0 x 261,0 cm

Coleção MAR / Museu de Arte do Rio

SMCRJ / Fundo Z

SIRIANI

HISTÓRIA DO SURGIMENTO DOS DESENHOS

Narrada por Tadeu Mateus Huni Kuĩ, em 2017

1. Um dia, SIRIANI e seu marido PUKE DUA foram caçar na floresta e encontraram uma árvore do tamanho da samaúma, de onde nasciam, em cada galho, bolas de algodão fiado de cores diferentes: branco, vermelho e preto.
2. Eles levaram algumas bolas até o cacique KAKA TAEBU, para ele descobrir o que era.
3. E ele descobriu que era algodão. Entregaram as bolas para a esposa do cacique.
4. Ela tirou as sementes e plantou.
5. As árvores cresceram, e todos da aldeia coletavam.
6. SIRIANI separava o algodão bom do ruim.
7. Enquanto todos dormiam, SIRIANI guardava o algodão no vaso de cerâmica, que fazia barulho durante a noite. Na manhã seguinte, quando abria o vaso, o algodão tinha se transformado em redes e tecelagem desenhadas com KENES.


8. Era a jiboia BARI SIRI KA que ensinava a SIRIAM os desenhos do KENE e o trabalho de pintura e tecelagem. Um dia, sua mãe foi pegar água no igarapé e viu SIRIAM enrolada na jiboia. Assustada, chamou seus outros filhos para flechar a jiboia. Quando a jiboia morreu, levou junto com ela o espírito de SIRIAM.

9. Quando cozinharam SIRIAM, seu corpo não amoleceu.

10. As mulheres reclamaram, porque a jiboia não entregava esse conhecimento para elas mesmas trabalharem. A jiboia ouviu e entregou o algodão, mas do jeito que é agora, em semente e só branquinho, nascendo em árvores menores e ainda não fiado para as mulheres trabalharem. Até hoje a gente trabalha assim: plantando, colhendo, fiando e tecendo.

Este tapete foi confeccionado especialmente para a exposição "No caminho da miçanga: um mundo que se faz de contas" com curadoria Els Lagrou, inaugurada em 2015 no Museu do Índio. Trata-se de um painel de miçangas com diferentes kenes (desenhos) Huni Kuĩ confeccionado pelas artesãs do rio Jordão, na II Oficina de Miçangas Huni Kuĩ, realizada pelo Museu do Índio na aldeia São Joaquim, em 9/11/2011, com a coordenação de Deborah Castor.





TERESA NETÊ
E MARIA SIRIANI
Panos professores,
2023 e 2017
Linha tingida
Tamanhos variados

MULHERES DO POVO HUNI KUÏ
Tapete de miçangas, 2011
Miçangas costuradas com linha de tarrafa
175 x 137 cm



A ESCOLA VIVA MBYA ARANDU PORÃ E O DESPERTAR DOS JOVENS

O povo Guarani habita a região meridional da América do Sul, em um amplo território no qual se sobrepõem Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia. Nós nomeamos toda essa região como Yvy Rupa.

No território do Rio Silveira, onde se localiza a MBYA ARANDU PORÃ, os jovens estão começando a perceber a importância da ESCOLA VIVA e, através desse diálogo, trouxeram cantos que já tinham se perdido há muitos anos.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA, aos poucos,
acorda o que estava adormecido.

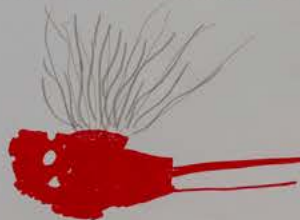
Eu vejo que a ESCOLA VIVA
é fundamental para que se continue.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA fortalece.

Eu vejo que a ESCOLA VIVA
se aproxima da sabedoria milenar
de forma mais autêntica
e protege as bibliotecas vivas que são os anciãos.

Sou diretor da MBYA ARANDU PORÃ e vejo que ela é
uma ferramenta que traz uma educação de respeito e de
saúde do caminhar, do falar, do olhar e do sentir.

Carlos Papá



A ESCOLA VIVA MBYA ARANDU PORÃ E O DESPERTAR DOS JOVENS

por Carlos Papá, coordenador

O POVO GUARANI habita a região meridional da América do Sul em um amplo território, no qual se sobrepõem os territórios de Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Bolívia. Os GUARANI nomeiam toda essa região como YVY RUPA.

No território do Rio Silveira, onde se localiza a MBYA ARANDU PORÃ, os jovens estão começando a perceber a importância da ESCOLA VIVA e, através desse diálogo, começaram a cantar coisas que já se tinham perdido há muitos anos.

Esses dias, por incrível que pareça, um jovem levantou e cantou a música do MANDYJU (algodão). Isso me emocionou muito, porque fala da importância da vestimenta e do trançado. Também fala da importância desse ser-planta, que traz a sabedoria e o respeito como algo muito sagrado.

Os espíritos das mariposas se manifestam, fazendo com que as mãos das mulheres GUARANI MBYA se transformem e criem tecidos que permitam tecer mantas, como casulos, para as crianças se protegerem do frio.

Então, o jovem trouxe esse canto de quando os GUARANI MBYA pegavam seus tecidos e faziam mantas. Eles teciam e cantavam as músicas.

Essa música era ouvida em lugares onde havia uma índia fazendo tecido. As mulheres cantavam esse canto-mantra para despertar as teias das mariposas, que trazem a habilidade de tecer e tornam o trabalho sagrado. Ele se torna uma vida. Não é simplesmente um fazer; quem se dedica ao trabalho sagrado está dando sua energia, sua vida e sua habilidade. Então, aquele tecido se torna uma arte daquela mulher



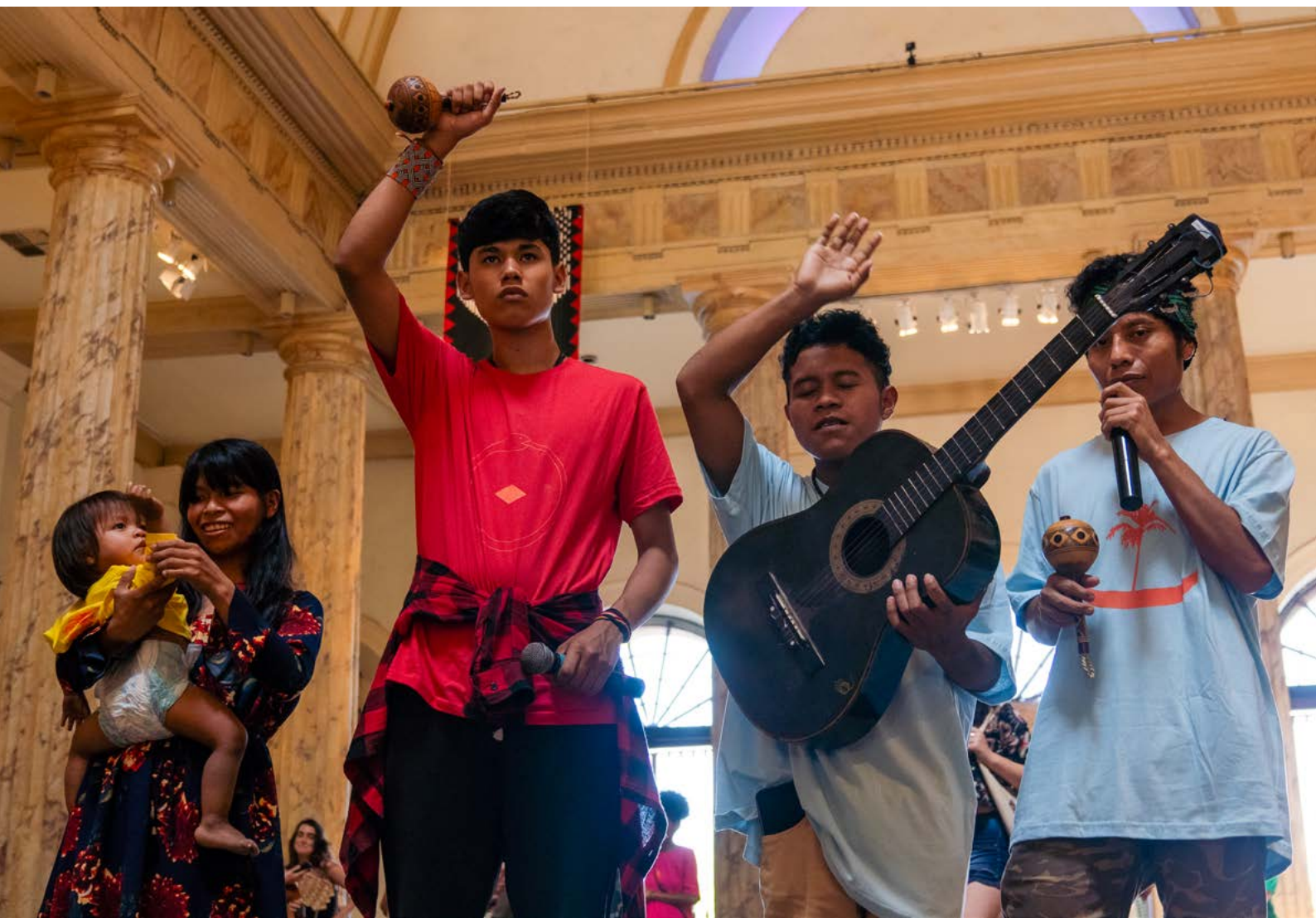
e daquela vida que estava produzindo. Esse canto traz a força feminina, é um canto que traz essa revitalização, para que continue fazendo seus adereços através do algodão. O algodão traz a proteção também, se torna proteção, saúde e agasalho contra o frio. O canto fala tudo isso.

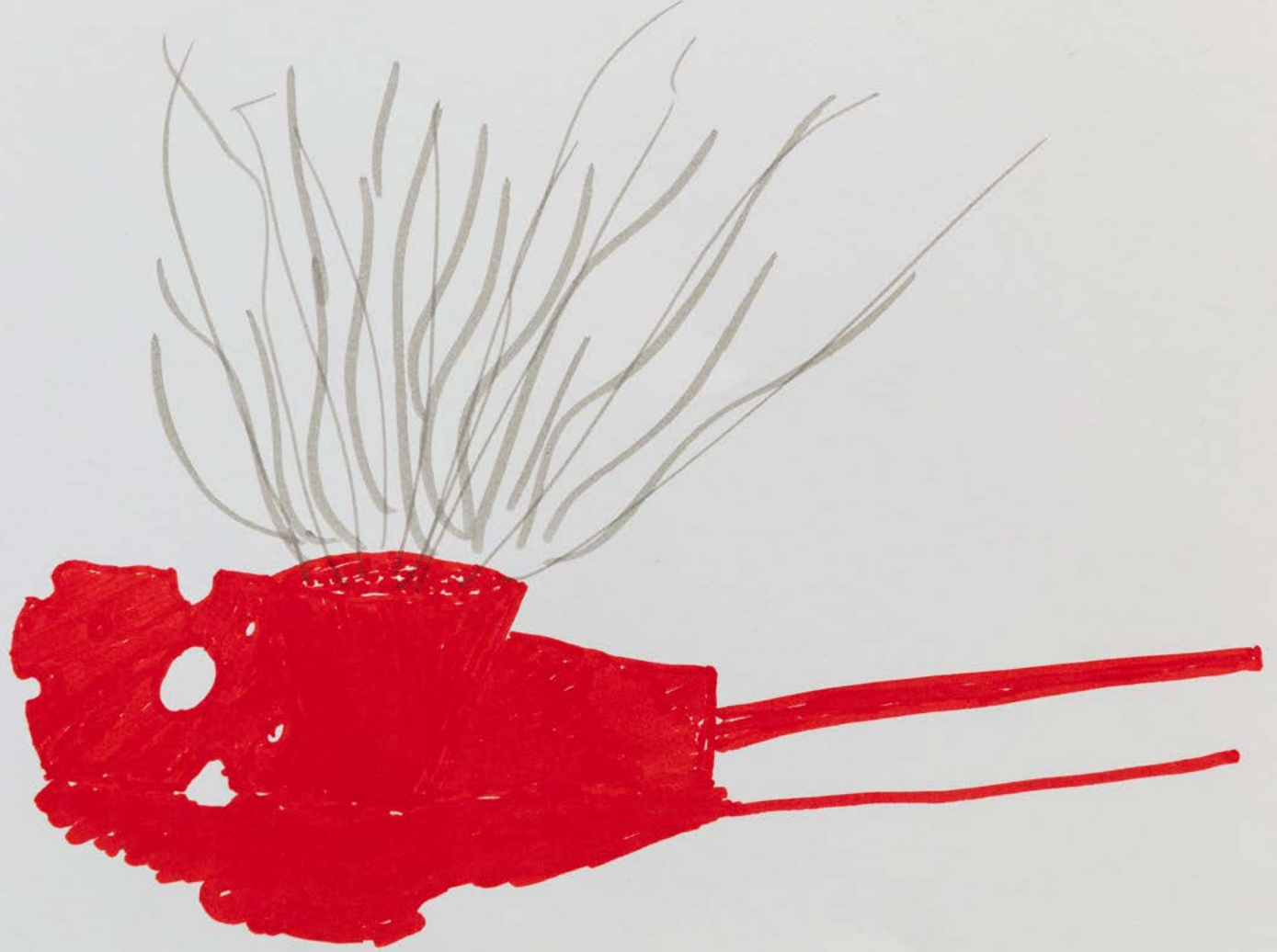
**Eu vejo que a ESCOLA VIVA, aos poucos,
está acordando outra vez o que estava adormecido.
Eu vejo que a ESCOLA VIVA é fundamental para que se continue.**

A ESCOLA VIVA fortalece, se aproxima da sabedoria milenar de forma mais autêntica e protege a biblioteca viva dos anciãos.

É nesse sentido que vejo a importância do trabalho da ESCOLA VIVA. Eu faço parte dessa ESCOLA VIVA, sou diretor e vejo que a ESCOLA VIVA é uma ferramenta para trazer essa educação milenar, uma educação de respeito, uma educação de saúde, uma educação do andar, uma educação de falar, uma educação de olhar.

Clara Almeida





NHE'ÉRY

por Carlos Papá

NHE'ÉRY é uma forma de entender a dimensão da floresta, um portal cristalino e transparente que nos ensina a cada dia. Pode ser traduzida como “onde os espíritos se banham”, se purificam para ter elevação divina, integrando o mundo cosmológico para ter leveza espiritual e vida eterna – na concepção guarani, O YVY MARAE'.

A NHE'ÉRY é a base da existência e resistência dos povos indígenas que nela habitam, pois é na floresta viva que estão os remédios que curam e a verdadeira escola: a transmissão dos saberes e dos fazeres ancestrais. Ela tem uma grande importância, pois segura o solo com suas mãos, nos fornece água e alimento. Os grandes espíritos estão em suas folhas e raízes. A cada folha que cai, outra nasce como uma criança, e assim se forma toda a vida dentro da floresta.







ALEXANDRE WERA, BRUNO DJEGUAKA, MAIRA DJERA, MARCINHO XUNU E WERA JUNINHO
 Kupi Retã [Cidade de Cupins], 2023
 Acrílica sobre tecido 170 x 270 cm



ALEXANDRE WERA, BRUNO DJEGUAKA, MAIRA DJERA, MARCINHO XUNU E WERA JUNINHO
 Teko Porã [Bem Viver], 2023
 Acrílica sobre tecido 170 x 270 cm

No Selvagem há todo um caminho de estudos, orientado por Carlos Papá, sobre a Nhe'ëry: ciclos, audiovisuais, cadernos e uma série de conteúdos relacionados.



No ciclo Ayvu Parã é possível ouvir sobre a composição da Nhe'ëry, e do mundo, a partir das palavras Guarani que definem seres, lugares, elementos e estados de espírito.



As duas pinturas da Nhe'ëry presentes na exposição Viva Viva Escola Viva foram realizadas por jovens da Escola Viva Guarani no âmbito da gravação do ciclo Ayvu Parã no Museu das Culturas Indígenas, em São Paulo.



PYTUN JERA

O DESABROCHAR DA NOITE

por Carlos Papá

Nós acreditamos que o escuro é o responsável por todo o universo, inclusive NHANDERU, Deus Supremo. De onde veio NHANDERU, nosso criador, que nós tanto admiramos? Veio também do escuro. E esse escuro é responsável pela criação de todo o universo hoje, inclusive nosso corpo. Nosso corpo tem água, terra e ferro. E é por isso que necessitamos muito dessa terra. Nós somos parte dessa terra. Não adianta dizer que a terra não é território. Por incrível que pareça, a gente faz parte dessa terra, até a árvore.

Por isso que falamos XEYVARA RETÉ. XEYVARA significa 'céu', ou quando respiro. RETÉ, o corpo, que seria a terra. Portanto, eu sou terra, porém respiro, dependendo dessa atmosfera que eu recebo, dessa energia. Eu necessito disso para sobreviver.

[...] o escuro é tão importante para nós, porque ele nos recebe quando a gente quer descansar; por exemplo, a gente vai dormir, e o escuro recebe a gente para descansar. Ou até mesmo na morte. Na morte, a gente volta de novo para o escuro. E aí essas energias ficam procurando outro hóspede. E quando encontram o hóspede, aí renasce tudo de novo.

Trecho do [Caderno Selvagem "Pytun Jera - O desabrochar da noite"](#)





FABIANO KUARAY PAPA
Onhembojera Mba'emõ Ypy Rã
[Criação dos Seres Sagrados], 2023
Acrílica sobre tela / 80 x 118 cm



FABIANO KUARAY PAPA
Yvy Ijypy Hague Ha'e Kuaray Ha'e Jaxy Oiko Ypy Hague,
[A Primeira Criação da Terra e o Nascimento do Sol e da Lua], 2023
Acrílica sobre tela / 80 x 118 cm



CARLOS PAPÁ

Kuaray Jaxy Oambare Jogueraa Hague
[Subindo para a Morada Sagrada], 2023

Acrílica sobre tela

79 x 118 cm



A história completa está no
[Caderno Selvagem](#)
["A Vida do Sol na Terra"](#).

A VIDA DO SOL NA TERRA

por Carlos Papá

NHANDERU PAPA foi o que criou tudo, a existência do universo. Junto com MAINO'1, que o alimentava com néctar divino. NHANDERU e NHANDEXY foram os primeiros seres humanos a habitar essa nossa terra. KUARAY e JAXY ajudaram a dar nome a toda a criação na terra e fizeram uma grande jornada até chegarem ao seu pai. Essa tela mostra a trajetória de KUARAY e JAXY, filhos de NHANDERU e NHANDEXY.



CARLOS PAPÁ
Nhandexy [Nossa mãe], 2023
Acrílica sobre tela
32 x 41 cm

NHANDEXY
por Carlos Papá

Essa pintura representa NHANDEXY, a nossa Mãe primeira, a escuridão originária de onde tudo desabrocha. Ela é a mãe de todas as coisas, cores e seres do universo.

CARLOS PAPÁ, CRISTINE TAKUÁ
E FABIANO KUARAY PAPÁ
EM COLABORAÇÃO
COM LEONARDO KARAI ROKADJU,
BRUNO DJEGUAKA,
KAUÊ KARAI TATAENDY
Yxapy, 2023
Acrílico sobre tecido
600 x 100 cm





ALBINO FERNANDES

Dois ajakas [cestos] grandes, 2023
Palha de taquara tingida / 68 x 40 cm

LUCIA FERNANDES

Duas bolsas de palha, 2023
Palha de taquara tingida / 40 x 30 x 20 cm

ALBINO FERNANDES

Um ajaka [cesto] médio, 2023
Palha de taquara tingida / 42 x 33 cm



SOBRE OS BICHINHOS DE MADEIRA

por Carlos Papá

Os bichinhos são feitos de caixeta, uma árvore nativa da NHE'ÉRY.

Há muito tempo atrás, um XERAMOI contava para as crianças que o carão, a gralha, só podia cantar duas vezes na vida. E ele gostava de uma tico-tico muito bonita e os bichos se aproximavam dela para pedir em casamento e ela não aceitava. Também o carão pediu a tico-tico em casamento e ela negou. Mas ele não queria desistir e resolveu cantar pra ela ouvir e talvez se encantar com o canto. E ele cantou e, a partir disso, foi embora. A tico-tico quando ouviu o canto gostou muito e queria saber quem cantava tão lindamente e foi atrás para descobrir.

No dia seguinte, ela despediu da família e foi procurar...

Primeiro encontrou o quati, falou com ele que estava catando frutas, e ele perguntou o que ela estava fazendo na estrada sozinha. E ela disse que estava procurando de quem era o lindo canto. Mas o quati disse que não sabia cantar e ela insistiu dizendo que ele deveria cantar pra ela.

Ele cantou, mas ela viu que não era ele, assim ela se despediu e foi embora.

Em seguida, ela encontrou o Tatu e perguntou o que ele estava fazendo. Eles se cumprimentaram, e ela disse que estava procurando quem cantava. Ela insistiu, mesmo ele dizendo que não sabia cantar. Aí ele resolveu cantar, mas ela viu que não era ele....

E a tico-tico passou por muitos bichinhos buscando quem tinha o lindo canto.

E o XERAMOI ia mostrando cada bichinho para as crianças e elas iam juntando. Mas ele dava o carão para as crianças que estavam colecionando e assim cada criança ia querendo mais e mais bichinhos da NHE'ÉRY para brincar.

E de geração em geração essas narrativas foram sendo passadas para crianças que cada vez mais se interessavam em aprender a fazer os bichinhos e contar as histórias.

No processo de fazer os bichinhos de madeira estão contidos muitos saberes e conhecimentos GUARANI.

Esses saberes falam da relação dos GUARANI com os animais da floresta e cada um vai desenvolvendo por meio de uma trajetória individual, familiar ou coletiva um conhecimento amplo das espécies, que reflete no comportamento natural de cada animal, mas principalmente, mostra um modo particular dos GUARANI se relacionarem com esses seres presentes na NHE'ÉRY.



SOBRE O JARDIM DE PLANTAS AO REDOR DOS BICHINHOS

por Viviane Fonseca-Kruel

Entrelaçando plantas, memórias e histórias.

Através desta coleção de espécies vegetais cultivadas em vasos, queremos chamar a atenção para os conhecimentos ancestrais entrelaçados a essas existências, para além de seus aspectos biológicos, botânicos e ecológicos. Sua diversidade nos convida a uma consciência mais profunda. As plantas não são apenas recursos naturais; são elementos fundamentais da identidade cultural de povos indígenas.

Aqui temos tabaco, algodão, caapi, carajuru, guaraná, chacrona, urucum, jenipapo, pimenta, jussara, pitanga e pau-brasil, espécies que são usadas há centenas de anos no território que hoje entendemos como Brasil. Essas existências se entrelaçam com a história e a cultura dos mais de 150 povos indígenas que aqui habitam.

São plantas que contam a história de biomas como a Amazônia, com espécies como o cacau, a batata-doce, a castanha-do-brasil, o guaraná, o tabaco e a mandioca, manejadas e domesticadas na região. Estudos recentes, integrando genética de plantas, arqueologia, antropologia, botânica e etnobotânica, vêm reunindo evidências de espécies agrícolas amazônicas, com a presença de centros e regiões de diversidade genética agrícola neste bioma.

A aproximação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro com as ESCOLAS VIVAS e o Selvagem tem como objetivo apoiar o diálogo intercultural e interdisciplinar, em busca de um maior protagonismo das comunidades tradicionais nas ações relacionadas à educação pública e à conservação da sociobiodiversidade.

Quando conscientes sobre a interação entre as plantas e as comunidades indígenas, os educadores podem inspirar uma apreciação mais profunda sobre as relações entre seres humanos e o meio ambiente. Fica evidente, então, a importância de fortalecer as tradições orais e práticas ancestrais por meio de parcerias educacionais com comunidades indígenas.

VIVA VIVA ESCOLA VIVA

Instalação no centro da exposição

LETÍCIA MACENA

8 ajakas [cestos] pequenos, 2023

Palha de taquara tingida

8 x 6,5 cm

THIAGO WERA BENITES

66 Bichinhos, 2023

Madeira tamanhos variados

KARAI MIRIM 7 maracas, 2023

Cabaça, sementes e madeira
tamanhos variados

PLANTAS

As plantas mestras vivem no
Jardim Botânico do Rio de Janeiro,
sob os cuidados da Coleção
Temática de Plantas Medicinais
e da Coleção Viva.





ALDEIA ESCOLA FLORESTA, A ESCOLA VIVA MAXAKALI

Os Maxakali são habitantes ancestrais das florestas que cobriam todo o leito dos rios Pardo, Jequitinhonha e Mucuri, na região compreendida, hoje, como nordeste de Minas Gerais e extremo sul da Bahia.

São um povo de, aproximadamente, 3000 pessoas que falam a língua Maxakali, um dos últimos idiomas nativos da região. A invasão da empresa agropecuária em suas terras originárias, durante os séculos XIX e XX, resultou no seu confinamento em 5 pequenos territórios, cercados de fazendas por todos os lados e devastados pela derrubada da floresta e pelo plantio do capim-colonião.

A Aldeia Escola Floresta é o território mais recente desse povo e foi criada a partir da retomada de uma propriedade da União, localizada na zona rural de Teófilo Otoni (MG). Ali começou a ganhar forma um sonho antigo, impulsionado pela reivindicação dos Maxakali por seus territórios originários e pela saudade que sentem dos rios, das caças e da mata grande.

Isael Maxakali, importante liderança e artista deste povo, costuma dizer que a verdadeira casa dos Maxakali, a 'aldeia de verdade', só pode existir junto com a floresta, que é a morada dos yãmĩxop.

Isael também diz que a vida nesses lugares - na aldeia e na floresta - é a melhor forma de educar suas crianças e transmitir seus conhecimentos tradicionais.

São suas ESCOLAS VIVAS, portanto.

Cristine Taxuá e Paula Berbert

ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA

ESCOLA VIVA MAXAKALI

Coordenadores: Sueli e Israel Maxakali

por Paula Berbert e Cristine Takuá

A arte é presença viva e rotineira entre os MAXAKALI. Em seus territórios é possível ouvir, quase diariamente, os cantos dos YĀMĪYXOP. Os YĀMĪYXOP são os povos-espírito das florestas de Mata Atlântica, que cobria toda a terra deste povo, e que visitam suas comunidades desde os tempos antigos para cantar, dançar, brincar, comer, caçar e curar. Durante essas visitas, as meninas e as mulheres lhes dão alimento e deles também recebem, os acompanham em danças e brincadeiras no pátio central das aldeias. Os homens e meninos já iniciados em seus segredos os recebem na KUXEX, a “casa de cantos”, cantam e caçam alguns dos poucos bichos que restaram. É junto aos YĀMĪYXOP que a arte imemorial dos MAXAKALI se faz, é no viver cotidianamente compartilhado com os espíritos que eles guardam a memória da floresta. Mesmo que as árvores grandes, as caças, os pássaros e os rios tenham ido embora, fugindo da destruição causada pelas atividades agropecuárias, a floresta continua existindo e pulsando nos cantos, nas danças, nos adornos e máscaras que

Clara Almeida



vestem os ὙἌΜΙὙ, nas pinturas dos corpos de seus parentes humanos, nos grafismos dos ΜΙΜἈΝἈΝ (mastros rituais), nos ornamentos e padrões que decoram os vestidos das mulheres.

Enfrentando mais de dois séculos de invasão colonial, o extenso território tradicional ΜΑΧΑΚΑΛΙ, que antes se prolongava pelas florestas de todo o curso dos rios Pardo, Jequitinhonha e Mucuri (MG/BA), foi reduzido a algumas das menores e mais devastadas terras indígenas do país. Apesar de viverem cercados de fazendas por todos os lados, os ΜΑΧΑΚΑΛΙ resistem falando sua própria língua e continuam sempre aspirando voltar às inúmeras porções roubadas de sua terra. Diante do veredito mortal do último governo, que propagandeava que “nenhum centímetro de terra seria demarcado”, um grupo de cerca de cem famílias tomou a corajosa decisão de realizar uma retomada, ocupando, em setembro de 2021, uma propriedade da União na zona rural de Teófilo Otoni - MG. Ali começou a ganhar forma um sonho antigo de SUELI ΜΑΧΑΚΑΛΙ e ISRAEL ΜΑΧΑΚΑΛΙ, lideranças importantes deste povo, que se destacam também por sua conhecida produção artística e audiovisual. Propuseram chamar a nova comunidade de ΑΛΔΕΙΑ-ΕΣΧΟΛΑ-ΦΛΟΡΕΣΤΑ, evocando o projeto comunitário que eles almejavam há muito tempo, e que impulsiona-se pela reivindicação dos ΜΑΧΑΚΑΛΙ por seus territórios originários e pela saudade que sentem dos rios, das caças e da mata grande. Israel costuma dizer que a verdadeira casa dos ΜΑΧΑΚΑΛΙ, a “aldeia de verdade”, só pode existir junto com a floresta, que é a morada dos ὙἌΜΙὙΧΟΡ, e que a vida nesses lugares – na aldeia e na floresta – é a melhor forma de educar suas crianças e transmitir seus conhecimentos tradicionais, são suas escolas vivas, portanto.

Se o sonho da ΑΛΔΕΙΑ-ΕΣΧΟΛΑ-ΦΛΟΡΕΣΤΑ ganhou território com a retomada, desde então as famílias que vivem ali têm se esforçado no sentido de lhe constituir também o corpo, contando para isso com o apoio de uma importante rede de alianças e parcerias. As ações que planejavam fazer para o reflorestamento da área e para a abertura de roçados têm sido concretizadas a partir do belíssimo projeto ΗἈΜΗΙ - ΤΕΡΡΑ ὙἮΑ. Articulada por diversas lideranças locais, junto a Rosângela Tugny e Roberto Romero, pesquisadores-aliados de longa data, a iniciativa tem formado agentes florestais e estruturado a composição de viveiros de mudas nativas da Mata Atlântica e de cultivos alimentares, não só naquela comunidade, mas também nos outros territórios ΜΑΧΑΚΑΛΙ: a Terra Indígena ΜΑΧΑΚΑΛΙ, composta pelas regiões do Pradinho e Água Boa (Santa Helena de Minas e Bertópolis - MG), e as reservas de Aldeia Verde (Ladainha - MG) e Cachoeirinha (Topázio - MG).

Os primeiros mutirões de reflorestamento na ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA aconteceram no ano passado, e foram organizados com a colaboração do Assentamento Terra-Vista do MST e do movimento popular Teia dos Povos.

A outra parte essencial do projeto comunitário da ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA consiste na organização de encontros regulares de pajés e de especialistas da cultura, além da estruturação de oficinas de formação em arte. Essas ações têm sido realizadas a partir do apoio financeiro recebido do projeto Escolas Vivas, coordenado pelo Selvagem. As obras apresentadas nesta exposição foram concebidas durante duas rodadas de oficinas. A primeira delas aconteceu em setembro de 2022, quando os artistas da ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA tiveram sua experiência inaugural com a pintura de telas, e puderam ainda aprofundar suas práticas em suportes que já conheciam, como a aquarela e o desenho. Naquela ocasião, os professores e os pajés da comunidade escolheram um tema para a investigação artística que fariam, “KOTKUPHI YÔG KUTEX XI ÂGTUX”, os cantos e histórias de KOTKUPHI, o espírito da Mandioca. No decorrer de um pouco mais de uma semana, foram produzidos mais de trinta desenhos e cerca de vinte telas, trabalhos que são compostos pela presença dos diferentes seres que aglutinam com KOTKUPHI um mesmo coletivo de espíritos



de caçadores, como a cobra-coral e a formiga pintada. As imagens trazem ainda as pinturas que constituem os corpos dos viventes deste grupo ritual, seus objetos, como suas flechas e MĪMĀNĀN, além de presentificar também passagens marcantes dos rituais realizados durante as visitas dos ΚΟΤΚΟΡΗ nas aldeias.

O segundo encontro de formação em arte foi organizado um pouco mais de um ano depois, em outubro de 2023, e contou com a participação expressiva de jovens e crianças. A técnica nova aprendida nesse contexto foi a produção de stencil e carimbos, dando forma a cartazes, que foram lambidos nas paredes do posto de saúde da comunidade, e a estampas replicadas nos tecidos dos vestidos das mulheres. Neste último ciclo de oficinas não houve nenhuma indicação temática sobre o sentido dos trabalhos que seriam desenvolvidos. O resultado dessa opção foi a composição de desenhos, aquarelas, pinturas em telas e têxteis em que aparecem muitos e muitos ΥĂMĪΥ, como ΧΟΚΙΧ, o espírito do Tamanduá, ΛĪΤΑ, o espírito do Dragão, ΜŌGMŌGΚΑ, o espírito do Gavião, ΥĂMĪΥΗΕΧ, as Mulheres-espírito, e, principalmente, ΧŪNĪM, o espírito do Morcego, que se multiplicou em parte importante das obras criadas. Era ΧŪNĪM, junto com os incontáveis espíritos que compõem seu grupo ritual, quem estava cantando na ΚΟΥΧΕΧ durante os dias em que as oficinas aconteceram. Da varanda do posto de saúde, onde os artistas estavam produzindo, era possível ouvir seus cantos e vê-los dançando e brincando com as meninas no pátio da aldeia. Essa imagem, das crianças e jovens pintando e desenhando, ao mesmo tempo em que os ΧŪNĪM cantavam e dançavam diante da ΚΟΥΧΕΧ, nos oferece uma síntese extraordinária do sentido profundo da arte ΜΑΧΑΚΑΛΙ: é na relação com ΥĂMĪΥΧΟΡ que eles produzem beleza, cura e transformação, cuidando da existência imaterial da floresta, se lembrando sempre dela, ao mesmo tempo em que a refazem continuamente, seja nas telas, nos desenhos, nos sonhos, nos cantos, e ainda nas árvores e nas roças que estão plantando para trazê-la efetivamente de volta.



TECIDOS PINTADOS

As pinturas em tecido foram produzidas na última oficina realizada na ALDEIA-ESCOLA-FLORESTA, em outubro de 2023. Elas compõem um desdobramento da pesquisa que as mulheres têm feito coletivamente, durante os mutirões de pintura, para a ornamentação dos vestidos tradicionais que elas costuram para ocasiões especiais, como o Dia dos Povos Indígenas, celebrado em 19 de abril.

Nesse recente ciclo de oficinas, elas expandiram sua pesquisa das tiras estreitas de tecido, que pintam para os vestidos, para estes retalhos maiores, comumente utilizados como panos de prato. As imagens das pinturas presentificam a passagem dos YĀMĪYXOP – os espíritos da Mata Atlântica – pelas aldeias MAXAKALI, bem como o sonho de seu território novamente coberto pela floresta.

ANILZINHA MAXAKALI, DELCIDA MAXAKALI, ELIANA MAXAKALI,
JUANA MAXAKALI, JULIANA MAXAKALI, JUPIRA MAXAKALI,
MARCIANA MAXAKALI, MARIENEIDE MAXAKALI, TAXNA MAXAKALI,
VILMARA MAXAKALI, ZILDA MAXAKALI E ZEZÃO MAXAKALI

Sem título, 2023

Tinta de tecido sobre tecido 47 x 70 cm (cada)







MÔGMÔGKA TAP

por Paula Berbert

Na tela, vemos MÔGMÔGKA TAP em duas das diferentes formas que sua imagem pode assumir: à esquerda, como espírito, vestido com palhas e com sua pele pintada de vermelho, à maneira como vem cantar na aldeia; e, à direita, no corpo de pássaro, que não sabemos se está pousando ou saindo para voar de seu MIMĀNĀN [mastro ritual]. MÔGMÔGKA TAP se destaca na cosmovisão MAXAKALI por guardar uma das memórias do desaparecimento das florestas que cobriam o território tradicional desse povo.

Conta um dos cantos de MÔGMÔGKA TAP que, uma vez, ele saiu pelo mundo para conhecer outras matas e, quando estava longe, sentiu saudades da floresta onde vivia, especialmente de sua árvore favorita. MÔGMÔGKA TAP decidiu retornar para casa e conta no canto tudo que ele via lá do alto durante sua viagem de volta: o céu, as nuvens, as montanhas, os rios, os bichos. Mas, chegando perto, logo percebeu que tudo estava diferente, não havia mais as árvores grandes, nem as caças, mas só capim. Ao chegar ao lugar onde esperava encontrar sua árvore favorita, MÔGMÔGKA TAP pousou triste na estaca de uma cerca de arame farpado, que marcava o limite de uma das fazendas dos brancos invasores.



VILMARÁ MAXAKALI
Mulheres-espírito, 2023
Acrílico sobre tela
52 x 42 cm



ELIANA MAXAKALI
Morcego Vermelho, 2023
Acrílico sobre tela
52 x 42 cm



ELIANA MAXAKALI
Lita (Dragão), 2023
Acrílico sobre tela
31,3 x 43,0 cm



SUELI MAXAKALI
Mögmögka tap (Gavião Preto), 2023
Acrílico sobre tela
85,5 x 90,0 cm

VILMARÁ MAXAKALI
Yämïyhex [Mulheres-espírito], 2023
Acrílico sobre tela
52 x 42 cm

ELIANA MAXAKALI
Xünim äta [Morcego Vermelho], 2023
Acrílico sobre tela
52 x 42 cm

ELIANA MAXAKALI
Lita [Dragão], 2023
Acrílico sobre tela
31,3 x 43,0 cm

SUELI MAXAKALI
Mögmögka tap [Gavião Preto], 2023
Acrílico sobre tela
85,5 x 90,0 cm

KOTKUPHI, O ESPÍRITO DA MANDIOCA

por Paula Berbet

As telas evocam o universo ritual de KOTKUPHI, o espírito da mandioca, destacando a presença dos diferentes seres que compõem com ele um mesmo coletivo de espíritos de caçadores, como a cobra-coral e a formiga pintada, e de caças, como o porco-do-mato. Os motivos gráficos que caracterizam os corpos desses animais constituem não só os corpos dos espíritos KOTKUPHI, quando visitam os MAXAKALI para caçar e fazer ritual, mas também os de seus objetos, como suas flechas afiadas e também os seus MIMĀNĀN, que são os mastros rituais que indicam a sua presença nas aldeias.

As obras presentificam também passagens marcantes das visitas dos KOTKUPHI nas aldeias, como o momento em que as mulheres lhes oferecem presentes pendurados em varas, ou ainda quando os KOKTIX XOP, os espíritos do macaco-prego, saem cantando no pátio da aldeia, em direção à barreira de palhas e madeiras que protegem o KUXEX, a casa de cantos, durante a passagem dos KOTKUPHI. Os KOKTIX XOP divertem-se ao subir nas estacas mais altas, sem nunca cair no chão, fazendo gargalhar a todos que os assistem.

A pintura XOK XAXUP [couro pendurado] retrata uma das características mais marcantes das visitas de KOTKUPHI, o espírito da mandioca, às aldeias MAXAKALI, que é a necessidade de criar uma barreira de proteção em torno do KUXEX. Isso se deve tanto à personalidade irritadiça de KOTKUPHI quanto a um medo que esses espíritos têm de serem mortos. Contam os antigos que, uma vez, antes de existir o costume de proteger o KUXEX durante suas estadias na aldeia, um grilo invadiu a barraca de ritual e matou todos os KOTKUPHI. Por isso, quando vêm cantar com os MAXAKALI, eles sempre pedem a suas mãos humanas que protejam a casa de cantos.

Antigamente, quando a caça ainda era abundante, o KUXEX era entrincheirado com uma sequência de couros de diferentes tipos de onças: pintada, parda, preta e vermelha, alternados com diferentes tipos de MIMĀNĀN dos KOTKUPHI. Mas agora, depois que as onças sumiram com a destruição das florestas, na véspera da chegada dos espíritos da mandioca para os rituais nas aldeias, as mulheres cercam o KUXEX com palhas e estacas; ou, quando nem isso é encontrado em seus territórios, cercam aquele espaço com cobertores, para proteger tanto a si mesmas da braveza dos KOTKUPHI quanto os próprios KOTKUPHI da agressividade dos grilos.



Sueli Maxakali
Koktix xop [O espírito do macaco-prego], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 37,8 x 40 cm



Sueli Maxakali
Koktix xop [O espírito do macaco-prego], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 37,8 x 40 cm



Juliana Maxakali
Kot pex mÿy [Fazendo beijú], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 36,7 x 40,1 cm

SUELI MAXAKALI
Koktix xop [O espírito do macaco-prego], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 37,8 x 40 cm

JULIANA MAXAKALI Kot pex mÿy [Fazendo beijú], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 36,7 x 40,1 cm



Sueli Maxakali
Xok xaxup [Couro pendurado], 2023
Acrílica sobre tela / 85 x 129 cm

SUELI MAXAKALI
Xok xaxup [Couro pendurado], 2023
Acrílica sobre tela / 85 x 129 cm

ISAEL MAXAKALI
Kotkuphi yög yã xex ax
[A pintura de Kotkuphi], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 98,5 x 85,5 cm



VONINHO MAXAKALI E VERONILDO MAXAKALI

Xupapox te'kohok xap paha tex xux tex ti hĩ hãmhipax xipekok,
[Espírito da Lontra pegando vara de tabaco, a mata e o céu], 2022

Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"

[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]

Acrílica sobre tela / 145 x 110 cm

OS YĀMĪYXOP

por Paula Berbert

Os YĀMĪYXOP são os incontáveis povos-espíritos da Mata Atlântica, que, desde os tempos antigos, visitam as aldeias MAXAKALI para cantar, dançar, curar, brincar, caçar e comer. Constituídos sempre de multidão e diversidade, os YĀMĪY manifestam-se nas mais variadas formas, nunca sendo um só. Podem ser invisíveis e pequenos, habitando os cabelos de seus parentes humanos, podem ser seus próprios cantos, podem ter forma animal e ainda corporificar-se de maneira esplêndida durante seus rituais, vestindo máscaras e portando belíssimas pinturas, que os enfeitam e colorem.



VONINHO MAXAKALI
13/09/2022



VONINHO MAXAKALI Xupapox yãmĩxop
[O espírito da Lontra], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 36 x 39,7 cm

MARCOS MAXAKALI
Xokix [Tamanduá], 2023
Acrílica sobre tela 79,5 x 98,0 cm

MARCINHO MAXAKALI
Kotkuphi te xapupnäg tux
[Kotkuphi atira flecha para matar porco do mato], 2022
Série "Kotkuphi yög Kutex xi Ägtux"
[Cantos e histórias do Espírito da Mandioca]
Acrílica sobre tela / 41 x 36,8 cm



SUELI MAXAKALI
EM COLABORAÇÃO
COM JULIANA MAXAKALI,
ISRAEL MAXAKALI,
PARQUINHO GRÁFICO
E FLOR DE KANTUTA
Mĩmãñã de Xũnĩm, 2023
Acrílica sobre tecido
600 x 100 cm



BAHSERIKOWI, CENTRO DE MEDICINA E ESCOLA VIVA TUKANO

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua fundação nessa cidade foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Os especialistas kumuã que atuam no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são originários dos povos Yepamahsã (Tukano), Htãpirõ-porã (Tuyuca) e Hmukori-mahsã (Desana), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do Rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumu fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com bahse e plantas medicinais.

As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura acionadas no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são, fundamentalmente, bahse (mais conhecidos como benzimentos) e plantas medicinais.

Bahse são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura.

Em outros termos, bahse é o poder e a habilidade dos especialistas (kumuã) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam
as plantas medicinais desde sempre.

A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaíba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.

BAHSEKOWI, CENTRO DE MEDICINA E ESCOLA VIVA TUKANO - DESSANO - TUYUCA

Coordenadores: João Paulo Lima Barreto e
Anacleto Barreto com Carla Wisu, Ivan Tukano,
Duvvalino Kisibi, Pedro Tukano,
Janicleia Pedrosa e Janine Fontes

O Centro de Medicina Indígena BAHSEKOWI está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. A fundação do BAHSEKOWI em Manaus foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Atualmente, o BAHSEKOWI é uma referência nacional de cuidado de saúde com as tecnologias genuinamente indígenas.

Os especialistas kumuã que atuam no Centro de Medicina são originários dos povos YEPAMAHSÃ (TUKANO), UTÁPIRÔ-PORÃ (TUYUCA) e UMUKORI-MAHSÃ (DESSANO), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquié, afluente do rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O KUMU fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com BAHSESE e plantas medicinais.

Clara Almeida



As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura acionadas no BAHSERIKOWI são, fundamentalmente, BAHSESE (conhecidos como benzimentos) e plantas medicinais.

BAHSESE são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura.

Em outros termos, BAHSESE é o poder e a habilidade dos especialistas (KUMUĀ) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam as plantas medicinais desde sempre. A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaíba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.







PAU ROSA
óleo / 100 ml

Cicatrizante,
antirreumático,
e hidratante

Município de Labrea



ANDIROBA
óleo / 100 ml

Anti-inflamatório,
antirreumático,
cicatrizante e repelente

Município de Labrea



SEIVA DE JATOBÁ
chá / 600 ml

Para asma, próstata, fígado
pneumonia, reumatismo,
dores, hemorroidas, trato
urinário e tumores cutâneos

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



ESSÊNCIA DA BOTA
óleo

Para atração

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



ÓLEO DE COCO
100 ml

Cicatrizante, emagrecedor,
fortalecedor imunológico,
hidratante,

saúde cardiovascular e da tireoide

Município de Labrea



COPAÍBA
óleo / 100 ml

Anti-inflamatório

Município de Labrea



POMADA DE PURAQUÉ

Antirreumático,
dores musculares, bursite
e dor de cabeça

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



CABOCLA SAUDÁVEL
chá / 600 ml

Para hemorroidas, gastrite,
policistos e ciclo menstrual

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



UNHA DE GATO
chá / 600ml

Para impotência sexual,
próstata e gastrite

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



MIRARUIRA
chá / 600ml

Para diabetes, pressão alta,
triglicerídios, glicose
e cicatrizante

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



ELIXIR DE BATATÃO
chá / 600ml

Para congestão, hemorragia,
prisão de ventre, edemas,
inflamações, dores e febres

Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



XAROPE DE CUPIM
150ml

Suplemento alimentar
Município de Labrea



EMAGRECEDOR REGIONAL
chá / 600ml

Para emagrecer, regulador de
ácido úrico e colesterol,
gordura no fígado, diurético e digestivo

Aldeia Tauá Mirim



FLORESTA VIVA
chá / 600ml

Para fígado, rins, vesícula, baço,
anemia, pressão alta, dor de
cabeça e doenças malignas

Aldeia Tauá Mirim



FORTIFICANTE
chá / 600ml

Para memória, hepatite, ansiedade
e malária. Tonificante, depurativo
e antirreumático

Aldeia Tauá Mirim



XAROPE DE CUMARU
150ml

Para bronquite, gripe,
tosse e dor de garganta

Município de Labrea



POBRE VELHO
folhas

Para infecção urinária,
diabetes e picada de inseto
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



BOLDO
folhas

Para fígado e má digestão
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



SUCUBA
cascas

Para gastrite, úlcera,
prevenção e cura do câncer
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



AROEIRA
cascas

Para leucorréia, sífilis
e lavagens íntimas
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



AMORA
capsulas

Para menopausa,
osteoporose. Diurética,
anti-inflamatória,
e anti-oxidante
Município de Labrea



BREU
resinas

Defumação
Comunidade Acajatuba
Município de Iranduba



CARAPANAÚBA
cascas

Anti-inflamatório,
anticoncepcional e cicatrizante
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



SARA TUDO
cascas

Para diarreia, hemorróidas,
inflamações no útero
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



PAU TENENTE
cascas

Para emagrecer, regular
colesterol e digestivo
Aldeia Tauá Mirim
Município de Tapauá



ANDIROBA
capsulas

Anti-inflamatório,
antirreumático,
cicatrizante
Município de Labrea



**BAHSERIKOWI,
CENTRO DE MEDICINA
E ESCOLA VIVA TUKANO**

O Centro de Medicina Indígena Bahserikowi está localizado no centro da cidade de Manaus, capital do estado do Amazonas. Sua fundação nessa cidade foi uma escolha estratégica para impactar as universidades e as instituições públicas e promover a mudança da opinião pública sobre a medicina indígena.

Os especialistas kumú que atuam no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são originários dos povos Yepemehá (Tukano), Utápirá-poré (Tuyucú) e Umukari-mehá (Desani), das comunidades indígenas do Alto Rio Tiquiá, afluente do Rio Uaupés, Alto Rio Negro.

O atendimento é feito para o público em geral, indígenas e não indígenas. O kumú fica à disposição para atender as pessoas e cuidar delas com bahse e plantas medicinais.

As tecnologias de cuidado com a saúde e a cura adotadas no Centro de Medicina Indígena Bahserikowi são fundamentalmente, bahse. Imaís conhecidos como benzimentos e plantas medicinais.

Bahse são fórmulas metaquímicas e metafísicas evocadas pelos especialistas para proteção, tratamento e cura.

Em outros termos, bahse é o poder e a habilidade dos especialistas (kumú) em evocar as substâncias curativas dos vegetais, minerais e animais.

Os povos indígenas usam as plantas medicinais desde sempre. A floresta guarda todos os tipos de remédios.

Na casa há também remédios naturais para venda. São chás, pomadas, mel, copaiba, andiroba, breu branco para defumação, cascas, raízes, folhas e flores secas medicinais.

João Paulo Lima Barreto





A ESCOLA VIVA BANIWA

A nossa cultura é a nossa força de amanhã,
para os filhos de hoje e as futuras gerações!

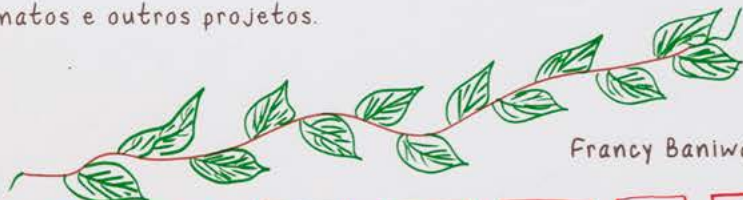
A ESCOLA VIVA é uma grande conquista para o povo Baniwa, que vive no noroeste amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, no município de São Gabriel da Cachoeira (AM). Nesse território, residem 23 povos de diferentes línguas, culturas e religiões.

É o território mais indígena do Brasil.

A ESCOLA VIVA Baniwa nasce do trabalho feito ao longo de seis anos de pesquisa e escrita do livro 'Umbigo do Mundo', de autoria de Francy Baniwa, em diálogo com seu pai, Francisco Luiz Fontes (Matsaape), narrador das histórias orais tradicionais, e com seu irmão Frank Fontes Baniwa (Hipattairi), autor de 74 aquarelas, das quais 28 se encontram nesta sala. A ESCOLA VIVA Baniwa nasce, assim, por meio das narrativas, que são nosso guia para o bem viver.

É importante que se tenha consciência, que nunca se percam as línguas originárias, elas carregam em si riquezas de conhecimentos diversos da vida e da natureza.

Juntamente com a comunidade Assunção do Içana, onde vivemos, olhamos a ESCOLA VIVA como o futuro. Temos muitos sonhos e demandas e, por meio dessa iniciativa, vamos poder trabalhar em coletivo para fortalecer as línguas indígenas, Nheengatu e Baniwa, nas famílias e em ambientes comunitários, nossas danças e cantos, artesanatos e outros projetos.



Francy Baniwa

A ESCOLA VIVA BANIWA
por Francy Baniwa,
coordenadora juntamente com seu pai,
Francisco Fontes Baniwa

A nossa cultura é a nossa força de amanhã,
para os filhos de hoje e futuras gerações!

A ESCOLA VIVA BANIWA é uma grande conquista para o povo Baniwa, que está no Noroeste Amazônico, na Terra Indígena Alto Rio Negro, município de São Gabriel da Cachoeira-AM. Neste território residem 23 povos de diferentes línguas, culturas e religiões. É o território mais indígena do Brasil.

A ESCOLA VIVA BANIWA nasce do trabalho feito ao longo de seis anos de pesquisa e escrita do livro *Umbigo do Mundo*. O livro é de autoria de FRANCY BANIWA em diálogo com seu pai, FRANCISCO LUIZ FONTES BANIWA (MATSAAPE), narrador das histórias orais tradicionais, e com seu irmão FRANK FONTES BANIWA (HIPATTAIRI), autor de 74 aquarelas, das quais 31 foram exibidas na sala da exposição. A ESCOLA VIVA BANIWA nasceu, assim, por meio das narrativas que são nosso guia para viver bem. De acordo com a nossa cultura milenar, nós somos a herança deixada por HEEKO, um demiurgo, lá na Terra-pedra, o centro de formação e origem da humanidade, localizada em HIIPANA (EENO HIEPOLEKOA ou umbigo do mundo) em Uapuí-Cachoeira,

Clara Almeida

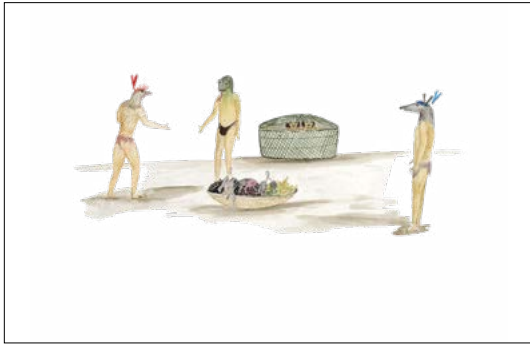


no Rio Ayari. Foi neste lugar que surgiu a humanidade, em especial o povo BANİWA, seus clãs e seus territórios. Dos nossos deuses herdamos uma grande extensão de terras, delimitadas por um conjunto de marcas (petróglifos) que definem o território de cada clã do nosso povo desde os tempos imemoriais. Essas demarcações históricas e ancestrais é que permitem o controle, a governança e a gestão ambiental em nosso território.

A nossa terra é o nosso centro do mundo, de onde sabemos nos localizar em relação aos quatro cantos da terra. É daqui que, ao acordarmos todos os dias, sabemos onde vai nascer o sol, o caminho que o sol vai percorrer e onde vai descansar. É o ponto onde são ancorados nosso espírito e nossa alma, desde nossos ancestrais até os dias de hoje e para sempre. A terra, para nós, indígenas, é parte de um complexo universo, que chamamos de HEKOAPI, dividido em diversas camadas, cada qual habitada por seres, deuses e espíritos específicos. A terra é a porção central, o meio dos mundos. É de onde nós, indígenas, adquirimos nossos conhecimentos e nos relacionamos com as outras camadas. Para nós, a terra é como uma mãe que cuida dos filhos na concepção, cuida no nascimento, cuida do crescimento, cuida na vida adulta, cuida durante a velhice e cuida novamente quando se chega ao final da vida. Cuida até voltar novamente para dentro da terra. Por isso, temos uma relação de muito respeito com a terra.

A ESCOLA VİVA vem para fortalecer as línguas NHEENGATU e BANİWA. É importante que se tenha consciência para que nunca se perca as línguas originárias indígenas, que carregam em si riquezas de conhecimentos diversos da vida e da natureza. Os pais devem continuar falando com suas crianças suas línguas no dia a dia. Os pais devem esclarecer às crianças que a língua que eles falam tem o mesmo valor e importância que a língua portuguesa e outras línguas nacionais. O ensino deve sempre incentivar as práticas culturais e linguísticas nas danças, músicas, teatros, nas comunidades em parceria com a escola, sempre em suas línguas paternas e maternas. A alfabetização (oral e escrita) deve ser sempre na língua paterna ou materna e somente depois na língua portuguesa. É interessante adotar o método “ensino via pesquisa” para que os alunos possam estar preparados para serem pesquisadores de suas próprias línguas ao terminarem o ensino médio. As produções de material didático devem ser em línguas indígenas tanto para serem usados na alfabetização, quanto no ensino fundamental e médio.

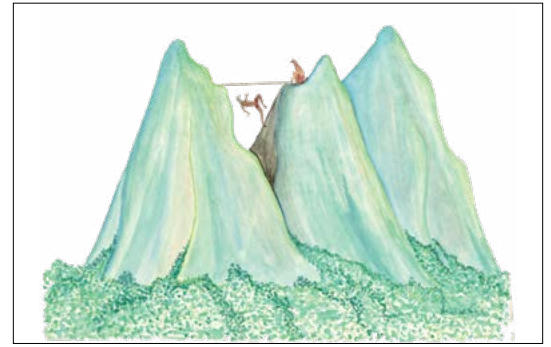
Juntamente com a comunidade Assunção do Içana, olhamos a ESCOLA VİVA como o futuro. Temos muitos sonhos e demandas e, por meio dessa iniciativa, vamos poder trabalhar em coletivo para fortalecer as línguas indígenas, nossas danças e cantos, artesanatos.



FRANK BANIWA
Inambu foi fazer Dabucuri para
Sucurijú e suas filhas, 2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Caminho com duas penas,
2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Inambu mata Mucura na serra de Waliitshi
Dzapani, 2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Avó de Mucura descobre
que seu neto foi morto,
2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Rapaz encontrou um pedacinho
de osso de Inambu, 2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



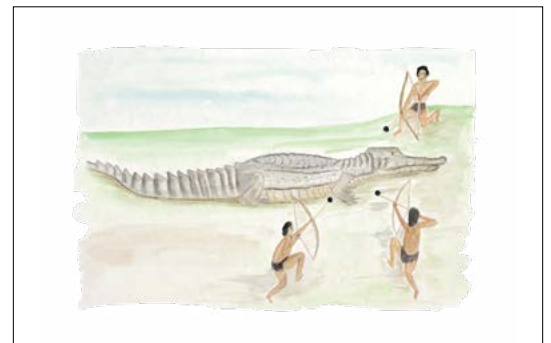
FRANK BANIWA
Avó de Mucura cozinhando coração
do seu neto morto pelo Inambu,
2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Avó encontrou três dzoodzo
no lago Ipekokalitani, 2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Dzoodzo dentro de kowaida,
2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA
Os hekoapinai flecham seu avô,
2023
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Através do pensamento

Ñapirikoli engravida sua tia Amaro, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Ñapirikoli faz a primeira vagina
e o nascimento do Kowai, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Esta criança não é meu filho, 2023

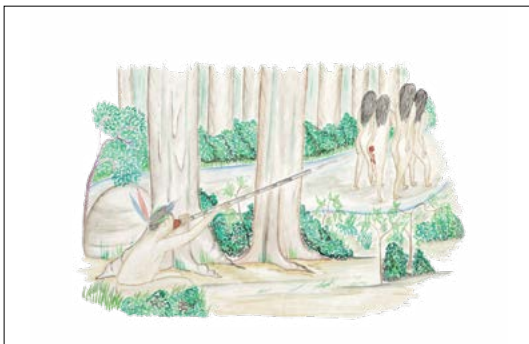
Aquarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Amaro e as mulheres fugiram, 2023

Aquarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Ñapirikoli a flechou na bunda, 2023

Aquarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Ñapirikoli se transforma em sapinho, 2023

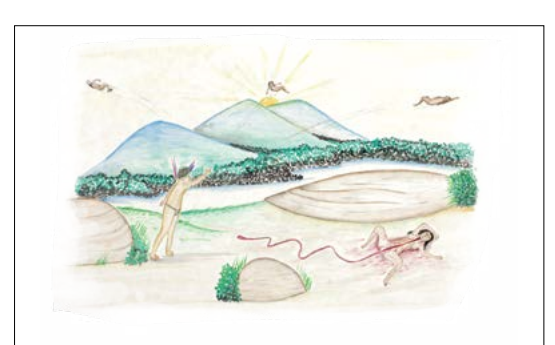
Aquarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Pernas de arumã de Ñapirikoli e seu irmão
através do benzimento, 2023

Aquarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

A morte de Amaro, 2023

Aquarela sobre papel / 29,7 x 42,0 cm

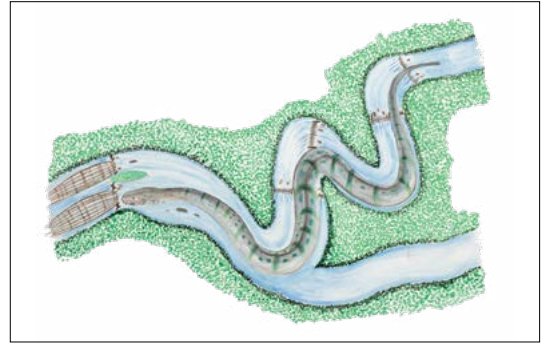


FRANK BANIWA

liniríwheri o puxou de longe, fazendo um redemoinho, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm

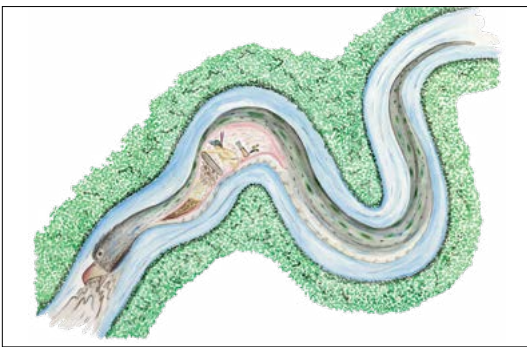


FRANK BANIWA

liniríwheri em seu percurso do Alto Uaupés até São Gabriel da Cachoeira, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm

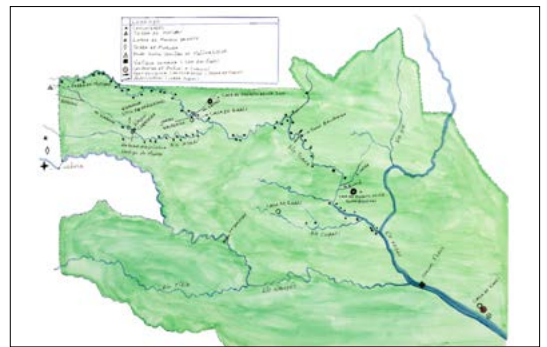


FRANK BANIWA

Koitsínawheri ia descendo o rio com ele em direção ao oceano, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Mapa, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Kaali, o dono das roças, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm

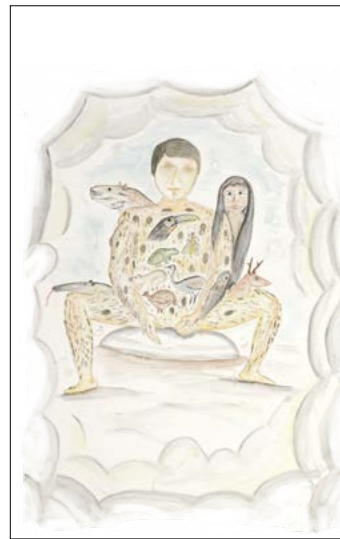


FRANK BANIWA

Pinaiwali, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm

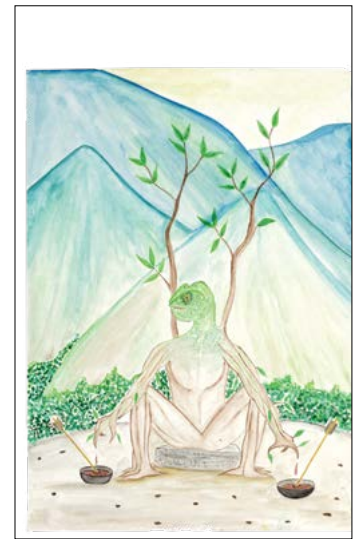


FRANK BANIWA

Kowaii, 2023

Aquarela sobre papel

29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Káattiwa, o dono do Wirarí, 2023

Aquarela sobre papel

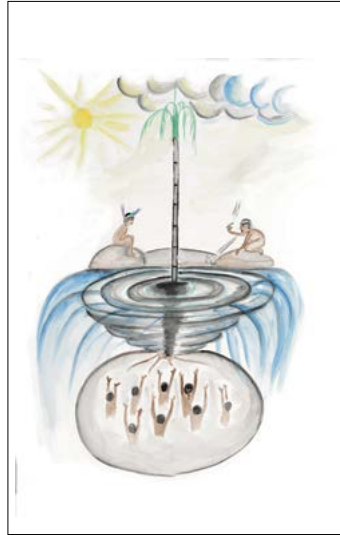
9,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Dzóoti soprava seu cigarro no corpo deles e na cabeça quando saiam do buraco, 2023

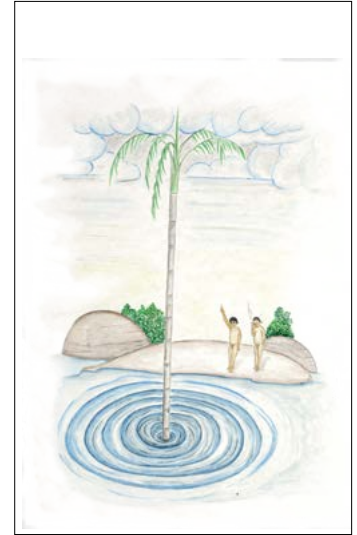
Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Umbigo do mundo, 2023

Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



FRANK BANIWA

Armadilha de paxiúba para matar Ñapirikoli, 2023

Aquarela sobre papel
29,7 x 42,0 cm



As 74 aquarelas foram feitas para o livro [Umbigo do Mundo](#), onde é possível aprofundar na cosmologia do povo Baniwa.



Sugerimos a leitura também do [Caderno Selvagem](#) da Tânia Stolze Lima



[Umbigo do Mundo](#) foi lançado durante uma vigília da oralidade nos arredores do Museu Nacional, em 2023. Os registros dessa noite em volta do fogo estão disponíveis online no ciclo [Memórias Ancestrais](#).



FRANK BANIWA

Nascimento da Humanidade em Wapui Cachoeira, 2023

Acrílica sobre tela

52 x 83 cm

NASCIMENTO DA HUMANIDADE EM WAPUI CACHOEIRA por Francy Baniwa

Depois de todos os acontecimentos, das transformações, *ÑAPIRIKOLI* viu que já não havia mais nada a fazer, pois tudo já havia sido feito por ele. Então, começou a pensar sobre nós, seres humanos. *ÑAPIRIKOLI* chamou *DZOOLI*, o dono do benzi-mento. *DZOOLI* fez uma forquilha para colocar o seu cigarro. Então, *ÑAPIRIKOLI* disse: – Quero que saia meu filho *HOHOODEMI* (Inambu).

No mesmo instante, os animais sagrados começaram a cantar e a zoar, desde o subterrâneo da terra até este mundo, passando pelo buraco da cachoeira de *HIIPANA*. *ÑAPIRIKOLI* estava apenas sentado, ouvindo as vozes dos animais sagrados, e assim foram nascendo todos os clãs, e cada um foi para o seu território específico.



FRANK BANIWA
Nascimento do Kowai, 2023
Acrílica sobre tela
52,3 x 84 cm

NASCIMENTO DO KOWAI por Francy Baniwa

Quando AMARO começou a sentir as dores do parto, não tinha como a criança nascer, pois não tinha vagina. Então, ÑAPIRIKOLI pediu a AMARO que se sentasse e se abrisse na proa da canoa, enquanto pensava em como fazer a vagina para que seu filho pudesse nascer. Então, ele começou a fazer isso. A primeira tentativa foi com o peixe ALAAWI (jacundá vermelho). Jogou-o na proa da canoa, em direção a Amaro, mas não deu certo. A segunda tentativa foi com o peixe KEXEKOLI (aracu de boca vermelha). Jogou-o novamente na proa em direção a AMARO, mas não teve resultado. Ela estava quase morrendo, suas forças já estavam por um fio. Por fim, ÑAPIRIKOLI pegou o peixe WAAWI (jacundá liso) e lançou-o sobre ela uma terceira vez e, dessa vez, o peixe conseguiu furar AMARO, fazendo sua vagina.



FRANK BANIWA

Kamathawa, dono do Maliikai: divisão do mundo Medzeniakonai em patamares cósmicos, 2023

Acrílica sobre tela

84 x 106 cm

KAMATHAWA, DONO DO MALIIKAI: DIVISÃO DO MUNDO MEDZENIAKONAI EM PATAMARES CÓSMICOS

por Francicy Baniwa

Nós, BANIWA, afirmamos que, além desses, existem ainda outros mundos que não conseguimos enxergar. WAPIKAKOA, 'o lugar de nossos ossos', é onde os humanos habitavam antes do nosso nascimento neste mundo. O nível intermediário é este mundo, HEKOAPI, onde habitavam NAPIRIKOLI, KAALI, DZOOLI, AMARO e outros seres HEKOAPIKAI, EENONAI e DOEMIENI. O mundo onde vivemos hoje já foi habitado por outros tipos de seres humanos. Acima da camada do nosso mundo, está o outro mundo, APAKOA HEKOAPI, lugar de diversos espíritos e divindades relacionadas aos especialistas MALIIRI, INAPAKAITA e MAADZERO. Somente os pajés têm acesso a esse plano por meio de seu poder de ver esses outros mundos, do seu paricá, do rapé e dos sonhos, que os fazem viajar nesses outros mundos.



FRANK BANIWA
Iiniriwheri, 2023
Acrílica sobre tela
51,5 x 82,4 cm

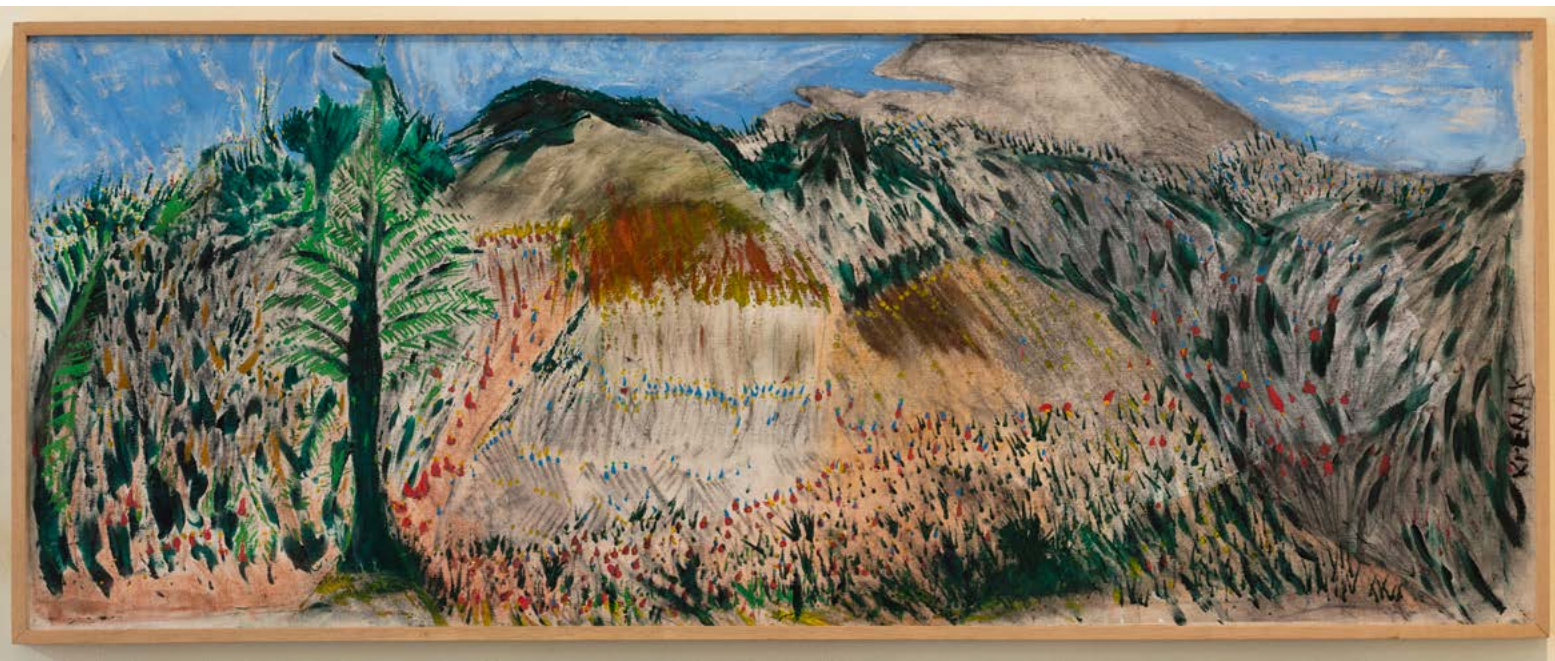
IINIRIWHERI (AVÔ TRAIIRA)

por Franczy Baniwa

IINIRIWHERI era um grande YOOPINAI, ser maléfico e muito perigoso, que tinha a forma de uma enorme sucuriju-peixe. Naquela época, HEERI, irmão de ÑAPIRIKOLI, era muito marupiara. Quando ia pescar, sempre voltava com muitos peixes. Todo dia era isso, ele pegava seu caniço de pescar, sumia e, em pouco tempo, já voltava com muitos peixes. ÑAPIRIKOLI descobriu que seu sobrinho tinha uma ferida e ela própria era uma pusanga que atraía os peixes. Então, ÑAPIRIKOLI disse um dia ao sobrinho: “Venha comigo, eu quero matar muitos peixes”. E assim ele o levou consigo.

Chegando ao local, ÑAPIRIKOLI o deixou sentado em um galho da árvore IID-ZAPA. De sua ferida começou a cair um líquido que, no mesmo instante, começou a atrair os peixes. ÑAPIRIKOLI começou a flechar os peixes e logo ficou muito empolgado em ver tantos peixes querendo lambe o líquido que saía da ferida que pingava na água. Cada vez mais peixes se aproximavam dele e de seu sobrinho. Quando este disse que IINIRIWHERI já estava chegando, não deu nem tempo de ÑAPIRIKOLI reagir; IINIRIWHERI o puxou de longe, fazendo um redemoinho. Não deu tempo de salvar o menino, e ele foi devorado pelo grande Traíra-Cobra.

A PINTURA DE AILTON KRENÁK NA EXPOSIÇÃO



AILTON KRENÁK
Rangat [Pedra do Lagarto], 2010
Carvão e óleo sobre tela
70 x 172 cm

RANGAT - PEDRA DO LAGARTO

Esse trabalho registra minha forte relação com o maciço do Espinhaço, na parte sul da cordilheira. A Pedreira foi nomeada assim por ter sofrido a extração comercial da pedra monumento, um conjunto tombado como patrimônio natural – medida de proteção diante do interesse comercial na extração de blocos de mármore no local. AILTON KRENÁK

AILTON KRENÁK é um filósofo da floresta reconhecido como liderança pioneira do movimento indígena no Brasil, com um destacado papel na Constituição de 1988. Ao longo de sua trajetória, AILTON sempre pintou telas que compõem, juntamente com seus livros, a expressão de seus pensamentos. Sua pintura dialoga com o que as ESCOLAS VIVAS vivem em seus territórios: o trançado da arte, da beleza, do conhecimento e do ativismo.

MALOCA DAS CRIANÇAS

Uma ação do Grupo **Crianças** da Comunidade **SELVA-
GEM**, que elabora vivências e materiais lúdicos e pedagógi-
cos com e para crianças. Movimenta-se no sentido de tor-
nar outros mundos possíveis.

O fio condutor é o Sol,
fonte primária da energia da vida.

A partir do Sol, são tecidas pesquisas de histórias
de origem e organizadas oficinas que criam diálogos com
crianças e jovens.

O grupo articula-se com as **ESCOLAS VIVAS** através
de encontros que colaboram para o acordamento e a cria-
ção de memórias pluriversais.

A coordenação é feita por **Veronica Pinheiro**, artis-
ta, brincante, professora da Rede Pública Municipal do
Rio de Janeiro e pesquisadora do ensino de arte para as
relações étnico-raciais como mestranda do Programa de
Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio
de Janeiro (UERJ).



MALOCA DAS CRIANÇAS

É hora de contar histórias às nossas crianças, de explicar a elas que não devem ter medo. Não sou um pregador do apocalipse, o que tento é compartilhar a mensagem de um outro mundo possível.

AILTON KRENAK, *O amanhã não está à venda.*

O Grupo Crianças é uma iniciativa da Comunidade Selvagem que elabora vivências e materiais lúdicos e pedagógicos com e para crianças.

Ao longo do ano, realiza encontros com crianças e professores em escolas públicas, museus, aldeias e quilombos para compartilhamento de saberes e fazeres artísticos e culturais mediados por pessoas indígenas e quilombolas.

O grupo movimenta-se no sentido de tornar outros mundos possíveis. O fio condutor do grupo é o Sol, fonte primária da energia da vida. A partir dele, são tecidas pesquisas de histórias de origem e são organizadas oficinas que criam diálogos com as crianças.

O grupo articula-se com as ESCOLAS VIVAS através da experiência dos encontros que colaboram para o acordamento e a criação de memórias pluriversais.

A coordenação é feita por Veronica Pinheiro, brincante, professora da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro e pesquisadora do ensino de arte para as relações étnico-raciais como mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).





AYU OONI KUP BA'ASE YAME OONIDIAGA JAXY PIRU TUSA YI SU TAKÄ YUUTY KEFEEEN MIPKOT YVYRA DEEPI MÄNNUT YGUAXU KEERI INU MOÄ-MAIÄ PUTUXNÄG WAKITS

ENCANTADA



Kauê e Cassiel na canoa encantada da Maloca das Crianças.

Foto da Clara Almeida.

ATIVIDADES NA MALOCA DAS CRIANÇAS

VIVA ESCOLA VIVA E OS GUARDIÕES DA FLORESTA

Dia 02 de dezembro de 2023

Oficina de criação dedicada à semana de abertura da exposição VIVA VIVA ESCOLA VIVA. Por meio de histórias contadas pela educadora Veronica Pinheiro, o público infantil conheceu o mito *A canoa da transformação*. Foram realizadas oficinas de desenho, tear, criação de fantoches e biojóias, mediadas por ELVIRA SATERÉ MAWÉ.



Clara Almeida



Clara Almeida

TERRA VIVA MAXAKALI

Dia 09 de dezembro de 2023

Uma experiência de imersão no mundo das tintas naturais, prática que vivencia o colorir com tintas ancestrais. Mediada por Jhon Bermond, a atividade articulou memórias, saberes e fazeres tradicionais. Foram feitas, também, contação de histórias, visita guiada à exposição e pintura em tecido.



Fotos da Ericka Reis

AYAXI TAKUA: O MILHO SAGRADO GUARANI

Dia 16 de dezembro de 2023

Um mergulho no mundo do mito e da criação de animações. Mediada por Matheus Marins, do Laboratório de Animação, as crianças criaram suas próprias animações para contar histórias por meio de processos experimentais e materiais diversos. Nesse mesmo dia, fizemos uma roda de saberes e sabores sobre comida e afeto, mediada por Cláudia Lima.



Fotos da Ericka Reis

UM RIO UM PÁSSARO

Dia 13 de janeiro de 2024

Nesse dia foram oferecidas duas oficinas: uma para olhar para o céu e outra para olhar para a terra. Oficinas de confecção de papagaio (pipa) e plantio de mudas, ações pensadas para construir diálogos entre vida, natureza e sonho.



LICENÇA PARA A VOVÓ ARGILA

Dia 24 de janeiro de 2024

“Minha vovó, dona das argilas, viemos buscar argila para o meu trabalho”. Essas são as palavras ditas pelas mulheres Tukano ao irem colher a argila. Neste encontro, com a orientação das ceramistas Cacau Porto e Bia Jabor, tivemos trocas de saberes e fazeres sobre a relação sagrada e artística com a argila. A oficina para crianças foi um momento de criação de possibilidades de intimidade com a terra. Repensar a relação com os seres é uma das formas de reduzir os desperdícios presentes nos processos escolares e artísticos, além de ampliar as possibilidades de envolvimento com a vida.



ABERTURA, SEMINÁRIO E ENCERRAMENTO

Tanto o início quanto o encerramento da exposição foram marcados por bonitos momentos de troca coletiva – alinhados com a força motriz tanto do Selvagem e das ESCOLAS VIVAS, que diz respeito à circularidade, à diversidade e ao espaço para a escuta atenta.

No dia 2 de dezembro de 2023, celebramos a abertura da exposição *VIVA VIVA ESCOLA VIVA* com uma grande roda de falas e cantos no salão da Casa França-Brasil. Contamos com a presença de uma linda comitiva indígena, trazendo representantes das 5 ESCOLAS VIVAS, e também a participação especial de MOISÉS PIYĀKO e AILTON KRENĀK.



Nesse dia também tivemos a oficina do Grupo Crianças e o lançamento do livro *Um rio um pássaro*, de Ailton Krenak, publicado pela Dantes Editora. O filme [VIVA VIVA ESCOLA VIVA](#), disponível no canal do Selvagem no Youtube, apresenta algumas cenas desse dia de abertura da exposição.



Logo em seguida, no dia 4 de dezembro, realizamos o seminário **APRENDIZAGEM VIVA**, voltado a todas as pessoas interessadas em questionar os modelos atuais de educação. Foi uma oportunidade de ouvir mais demoradamente a sabedoria das **ESCOLAS VIVAS** presentes, além das experiências compartilhadas pelo público e suas dúvidas, refletindo em conjunto sobre os saberes tradicionais, sobre a relação entre os seres vivos e sobre caminhos para que a educação inclua narrativas mais pluriversais.

[VIVA VIVA - EXPOSIÇÃO ESCOLA](#), artigo de Mariana Rotili na ARCA, narra em detalhes a abertura e o seminário **APRENDIZAGEM VIVA**.



Nossa nave girou mais uma vez no dia 24 de janeiro de 2024, celebrando os últimos dias da exposição aberta ao público. Com uma visita guiada por toda a exposição, seguida de uma roda de conversa e cantos conduzida por **CRISTINE TAKUÁ**, Anna Dantes, Leda Maria Martins, Veronica Pinheiro e Viviane Fonseca-Kruel. Em vez de um encerramento, o que criamos juntos foram novas conversas e aberturas. As **ESCOLAS VIVAS** desembarcam da Casa França-Brasil e seguem caminho revigoradas.

[UMA CIRANDA ENTRE MEMÓRIAS](#), artigo de Daniel Grimoni, conta como foi a visita guiada e a roda de conversas no dia 24 de janeiro



GRAVAÇÃO CICLO SOL

No âmbito da vinda ao Rio de Janeiro dos convidados para a abertura da exposição *VIVA VIVA ESCOLA VIVA*, foi possível gravar narrativas sobre o SOL de cada cultura para integrar o novo ciclo *Selvagem* a ser lançado no Youtube ao longo de 2024.



MEDIAÇÃO

Ao longo de toda a exposição, contamos com a presença de uma linda equipe de mediadores da Comunidade Selvagem, participantes dos grupos Produção e ESCOLAS VIVAS.

Além de acolher e conversar com o público, os mediadores também fizeram registros fotográficos, participaram de visitas guiadas, gravaram depoimentos com visitantes e cuidaram do nosso jardim de plantas mestras.



SOLO DA CANA

O que sente uma cana-de-açúcar?

O que nos diria essa voz vegetal, depois de séculos de exploração?

Estas são algumas questões levantadas em Solo da Cana, trabalho cênico de Izabel Stewart apresentado no dia 13 de janeiro de 2024 na Casa França Brasil, como parte da programação da exposição.

Em cena, um corpo de mulher transforma-se em cana-de-açúcar, ícone da cultura mono-agro-pop, planta que ao longo dos tempos tem tido seu corpo torcido pelas engrenagens de um sistema que sustenta desigualdades e mói o planeta.

Izabel incorporou a cana ao lado de plantas mestras nativas cultivadas pelos povos originários e de trabalhos de artistas indígenas, propondo diálogos em um prédio colonial que já foi palco de transações comerciais e alfandegárias. Pelo mesmo chão por onde transitaram mercadorias e corpos escravizados, passaram a ser cultivados convites à imaginação e práticas de outras formas de relação entre seres.

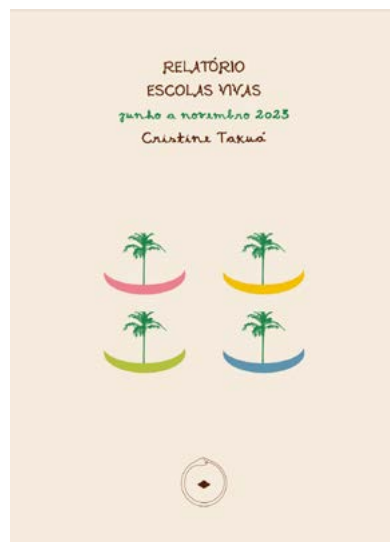
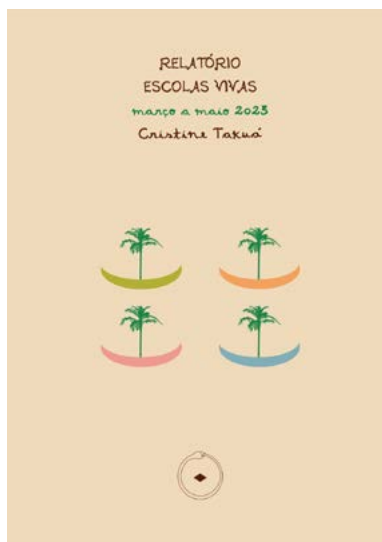
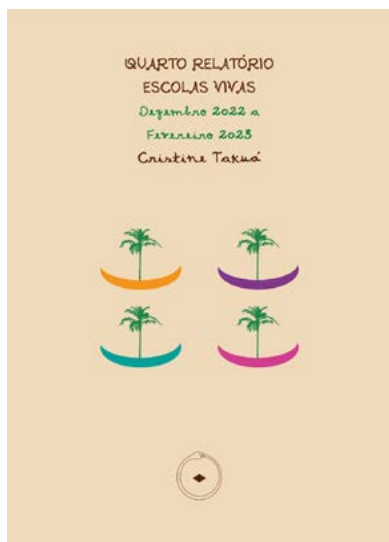
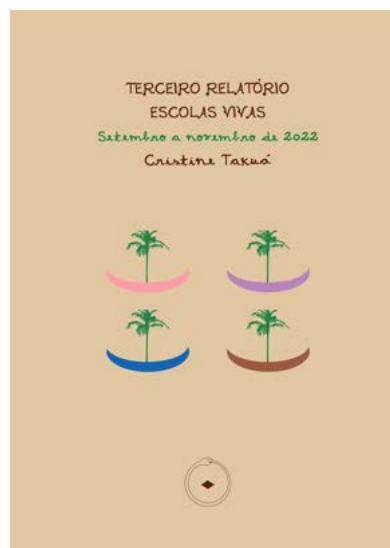
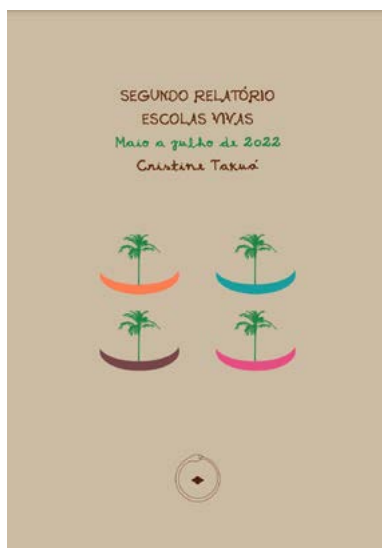
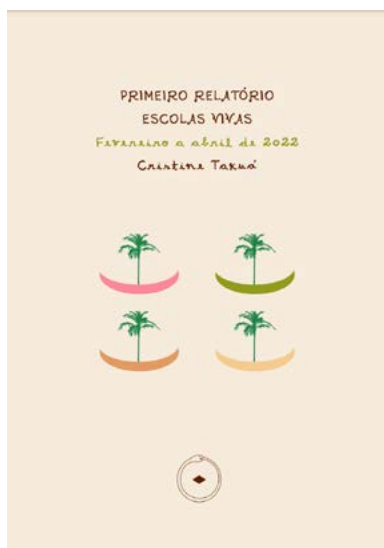
Izabel de Barros Stewart é artista da cena, performer e educadora. Em setembro de 2023 estreou “Solo da Cana”, primeiro trabalho como dramaturga e atriz, com direção de João Saldanha e produção de e Renata Blasi.

Saiba mais sobre a apresentação no artigo [A CANA EM CENA](#), publicado na ARCA.



RELATÓRIOS

Nos relatórios, preparados por Cristine Takuá e editados pelo Selvagem, estão narradas as experiências de cada ESCOLA VIVA, ao longo dos últimos anos, a partir de textos e imagens.



CRÉDITOS

Curadoria e coordenação das Escolas Vivas | CRISTINE TAKUÁ

Direção de arte e desenho gráfico | ANNA DANTES

Produção geral | MADELEINE DESCHAMPS

Assistente de curadoria da coleção Maxakali | PAULA BERBERT

Assistentes de produção | DANIEL GRIMONI E ALICE FARIA

Colaboração de desenho gráfico | ISABELLE PASSOS

Coordenação Grupo Crianças Selvagem | VERONICA PINHEIRO

Comunicação | MARIANA ROTILI

Financeiro | LUCAS SAMPAIO WAGNER

Jardim | Jardim Botânico do Rio de Janeiro

MARCUS MADRUZ, VIVIANE DA FONSECA-KRUEL E PRISCILA COELHO

Casa de Essências | JULIANA NABUCO E ISAKA MATEUS HUMI KUI

Colaboradoras vegetais (defumação, borrifação e jardim) | JULIANA NABUCO E VERA FRÓES

Canoa | AFONSO DOS SANTOS SILVA - CARPINTEIRO NAVAL

Mobiliários e montagem | ATELIÊ ARTE DE OBRA

Assistente de montagem | HELOÍSA FRANCO PALMEIRAS | URCENOGRRAFIA:

JAINY DE SOUSA, MARCELO JÚNIOR, VINÍCIUS DE JESUS E BIRA

Projeto de iluminação | DIANA JOELS E PAULA CARNELÓS

Equipamentos e montagem de iluminação | ART & LUZ

Som | LF SOUND SONORIZAÇÃO

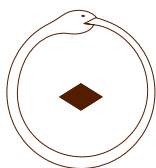
Desenhos nos textos informativos | CRISTINE TAKUÁ

Mediação | Comunidade Selvagem

ANGELA GUIMARÃES, CAROLINA LUISA COSTA, GABRIEL RUFINO, GIANA BESS, JESSICA ORNELAS, KIM QUEIROZ, MARIANA MONTENEGRO, MARIANA LLOYD, IVY MORAIS

Fotos para o catálogo: PEPÊ SCHETTINO (salvo as com crédito na própria imagem)

REALIZAÇÃO:



PARCERIA:



JARDIM
BOTÂNICO
RIO DE JANEIRO
DESDE 1808

APOIO:



Legado Integrado
da Região Amazônica

Luiz Zerbini
Maura Brésil
Rodrigo Quintela
Refazenda Ewá Luzia



GOETHE
INSTITUT

NOVO HUMANO



Casa França-Brasil

Secretaria de
Cultura e Economia
Criativa



GOVERNO DO ESTADO
RIO DE JANEIRO

Para doar por Pix ou PayPal,
acesse o portal de captação: www.gruposauva.com



PIX

e-mail: escolasvivas@gruposauva.com

PARA TRANSFERÊNCIA INTERNACIONAL:
Associação de fomento ao empreendedor
sócio cultural educacional Sauva
CNPJ: 35.423.233/0001-81
IBAN: 8R720000000003010000004269201
SWIFT code: BRASBRRUBHE

Não esqueça de informar no campo de observação
que sua doação é para o projeto ESCOLAS VIVAS.

AS ESCOLAS VIVAS
RECEBEM
E SE FORTALECEM



O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A coordenação editorial é de Mariana Rotili e a editoração de Isabelle Passos. Agradecemos a Mariana Rotili pela transcrição da fala e Daniel Grimomi pela revisão final do caderno.

Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore

Cadernos SELVAGEM
publicação digital da
Dantes Editora
Biosfera, 2024





VIVA VIVA!

